



1290003402



FE

1CC/UNICAMP G287L

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ÉRICA DELLE DONNE GENNARI

RA - 026932

2007/04/29

Lição de Casa: um estudo exploratório.

CAMPINAS

2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ÉRICA DELLE DONNE GENNARI

RA - 026932

Lição de Casa: um estudo exploratório.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como pré-requisito para
obtenção do título em Pedagogia, na
Faculdade de Educação da UNICAMP,
sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Menezes

CAMPINAS
2007

UNICAMP - UN - BIBLIOTECA

© by Erica Delle Donne Gennari, 2007.

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	9277L
V.....EX.....	
TOMBO.....	3402
PREC.....	129/08
C.....D.....	X
PREÇO.....	11,00
DATA.....	28/02/08
Nº CPD.....	426767

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G287L Gennari, Erica Delle Donne.
Lição de casa : um estudo exploratório / Erica Delle Donne Gennari. –
Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientadores : Maria Cristina Menezes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Tarefa. 2. Formação de professores. 3. Didática. I. Menezes, Maria
Cristina. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.
Titulo.

07-682/BFE

SUMÁRIO

▪ Resumo	5
▪ Introdução	6
▪ 1. Produções Brasileiras sobre a temática.....	8
▪ 2. As tarefas de casa e deveres nos manuais de didática.....	11
▪ 3. Descrição da Revista Nova Escola	21
▪ 4. Discussão sobre a temática	22
▪ 5. A produção americana sobre as tarefas de casa	27
▪ 6. As tarefas de Casa e o uso do Tempo.....	29
▪ 7. A relação família-escola com os deveres de casa.....	34
▪ Considerações finais	42
▪ Referencial Bibliográfico	44
▪ Anexo: Revista Nova Escola	46

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo interrogar as prescrições destinadas para os/as professores/as, expressas nos Manuais de Didática e na Revista Nova Escola sobre os *deveres, tarefas, lições, para casa*.

Para tal, realizamos uma investigação bibliográfica buscando compreender o que vem sendo dita aos profissionais da área da educação e como tal prática tem interferido na sociedade.

Concluindo que foi construído uma legitimidade da atividade, isto é, as tarefas são hoje consideradas atividades escolares legítimas, que passaram por um processo de naturalização. O que parece existir hoje é o apenas “passar a lição de casa” e não um questionamento sobre a relevância da atividade.

INTRODUÇÃO

Muitas técnicas e palavras que são utilizadas em sala de aula têm um passado, surgiram em situações concretas como respostas a desafios ou problemas específicos, e que provavelmente, quando as utilizamos hoje ainda trazem parte desses significados, é o que acontece com a lição de casa, assunto que tratarei neste presente trabalho.

O interesse em abordar o tema lição de casa nessa pesquisa surgiu quando fui trabalhar como auxiliar de professora. Percebi que as lições eram atividades esperadas e cobradas pelos pais e pelas crianças sem nenhum questionamento como, “o porquê tenho que fazer lição em casa?” “Quais são os valores de tal prática?” “Como surgiu tal prática e o que tem sido dito ao professores?”

Quando recebia as lições observava que, algumas eram feitas com muito capricho, outras nem tanto, algumas tinham uma orientação excessiva, outras nem se quer voltavam.

A presença da tarefa de casa é constante, fazendo parte das atividades que compõem o processo educativo.

Apesar de ser uma prática cotidiana do cenário educacional, a tarefa de casa não é alvo de pesquisas pela área da educação, resultando em pouco material bibliográfico que prejudica a formação de professores e conseqüentemente o processo de ensino.

Os professores acabam por não ter clareza a respeito dos fins, tipos mais adequados e formas de promover uma tarefa de casa mais significativa para o aluno.

A tarefa de casa, na maioria das vezes, é constituída por exercícios para fixação de conteúdos desenvolvidos em sala de aula, um objetivo muito restrito em comparação a todos os benefícios que a atividade poderia trazer aos alunos.

Proponho-me neste presente trabalho observar os discursos dirigidos aos docentes a respeito das tarefas de casa. Não pretendo discutir a favor ou contra a lição de casa, ou listar atributos favoráveis ou desfavoráveis sobre tal prática, apenas compreender o que é prescrito sobre tal prática. Utilizo para esta análise os Manuais de Didática do anos 50 até meados da década de 80, e um periódico da década de 90, a revista Nova Escola.

Durante o levantamento bibliográfico senti bastante dificuldade em achar material que dialogasse sobre a TC, não há muita pesquisa feita pelos estudiosos da área da educação. O que foi encontrado grande parte está ligado à prática da atividade, sugerindo uma série de prescrições e sugestões às professoras.

No decorrer deste trabalho utilizo a expressão tarefa de casa por ser de uso mais comum nos manuais e na bibliografia utilizada.

1. PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE A TEMÁTICA

A discussão sobre as tarefas de casa, no Brasil, é ainda recente. Um dos primeiros trabalhos localizados nessa pesquisa foi o de Fátima Regina Pires de ASSIS (1986)¹. O seu estudo teve como objetivo descrever e relacionar variáveis envolvidas na elaboração da lição de casa dos alunos de uma classe de primeira série. “Um estudo com o objetivo de descrever as condições e conseqüências oferecidas pela escola e o lar para a elaboração da lição de casa” (1986:15).

Outro trabalho levantado, sobre a temática, foi o de Rose Mary Guimarães RODRIGUES (1996)², que no seu estudo “teve como hipótese que o fazer tarefas de casa pode provocar um efeito positivo sobre o rendimento escolar do aluno. E como objetivo geral mostrar a relação entre rendimento escolar e tarefas de casa, na disciplina Matemática”(p.30). Destacando que “são vários os determinantes do rendimento escolar” (...) “porém optou-se pelo aprofundamento do estudo sobre as tarefas de casa, como um dos importantes determinantes da aprendizagem” (p.26).

Rose Mary Guimarães RODRIGUES faz também uma revisão dos trabalhos sobre a “influência da tarefa escolar no rendimento acadêmico do aluno”, onde ela revisa as publicações americanas e nacionais sobre essa temática. Entre os trabalhos destacaria o de Schuiefelbein e Simmons (1980)³ em que concluíram que “os alunos que fazem tarefa de casa têm melhor desempenho que outros” (p.27); o de TAMIR (1985)⁴ onde o autor aponta o dever de casa como um fator relevante do sucesso escolar, assim como também aponta seus aspectos negativos.

Há também o trabalho de CALIXTO (1985)⁵ que entre outras abordagens “faz algumas considerações sobre a importância da supervisão e vigilância das tarefas escolares por parte da família”

¹ ASSIS, Fátima Regina Pires de. Lição de Casa: um estudo exploratório sobre as condições e conseqüências de sua

elaboração, em crianças da 1ª Série do 1º Grau. São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, Dissertação de Mestrado, 1986.

²RODRIGUES, Rose Mary Guimarães. Dever de casa e desempenho acadêmico na disciplina matemática das 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. Uberlândia, 1996. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia.

³SCHIEFELBEIN, E. SIMONS, J. Os determinantes do desempenho escolar: uma revisão de pesquisas nos países em desenvolvimento. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.35:53-71, nov. 1980. Apud.: RODRIGUES.

⁴ TAMIR: homework and science learning in secondary schools. Science Education, Jerusalem-Israel, v.69, n.5:605-18. Oct. 1985. Apud.: RODRIGUES,1996:43.

⁵ CALIXTO:S. Influência de los medios en el rendimiento escolar. Anales de Pedagogía, Murcia-España, n.3:29-60, ene. 1985. Apud RODRIGUES, 1996,p.43

Uma terceira pesquisa sobre a temática foi realizada por Martha Guanães NOGUEIRA (1998)⁶, que procurou investigar sobre o tema em questão e analisar possíveis caminhos com os quais a tarefa de casa pudesse contribuir para o processo de ensino aprendizagem do aluno. Um dos caminhos indicados por ela, localiza-se no campo da didática, nas formulações de Comênio.

Tal obra foi analisada por Nogueira (1998) como possível fonte para a origem da tarefa de casa, já que Comênio entendia que a didática significava a arte de ensinar. Entendendo a didática como a arte de ensinar, e este ensinar como a ação de fazer sinais, marcas, subentende-se que quem ensina (professor) o faz a alguém (aluno). Portanto aqueles fazem marcas, sinais, gravam algo neste ensinado (aluno, discípulo).

Se a didática significa a arte de fazer marcas, sinais pela repetição (ação repetida) conclue-se que a repetição foi o caminho (método) escolhido para firmar as marcas, os sinais. É possível vislumbrar aqui, algumas pistas para a discussão de práticas anteriores sobre a tarefa de casa.

Comênio, a partir da proposta de que o aluno precisava agir para aprender e do entendimento original da didática como ensino e repetição, solicitava do aluno ação concreta, ou seja, que resolvesse exercícios. Isto no espaço e tempo reservados à aula. Neste prisma é aceitável considerar pertinente a contribuição de Comênio, mas não necessariamente à tarefa de casa.

O ato de dar exercícios para o aluno resolver implicaria gastar mais tempo, uma vez que o tempo reservado à aula não seria suficiente e que a ação e a repetição passaram a ser básicas para a aprendizagem, o aluno passaria a levar os exercícios para terminá-los em casa. Com o tempo, tal prática teria se consolidado, desdobrando-se para a tarefa de casa.

A questão proposta como possível por NOGUEIRA (1998), para a origem da TC, não é comprovada por ela pelo fato de Comênio ter restringido a prática de exercícios ao mesmo horário no qual o aluno estava em aula, ou seja, há indicações claras que tais atividades são realizadas no período reservado a aula, sob orientação do professor e com todos os alunos juntos em sala.

O segundo indicador hipotético para a origem da tarefa de casa, segundo Nogueira (1998) localiza-se no âmbito da pedagogia de Herbart. Utilizando como

⁶ NOGUEIRA, Martha Guanães. Tarefa de casa – Uma violência consentida? UNESP – Marília. Tese (Doutorado)1998.

referencial a filosofia e a psicologia Herbart propõe que a educação assuma três funções básicas: governo (ordem e manutenção), instrução e disciplina (moral).

Para a efetivação destas funções, a instrução seria norteadada por quatro processos didáticos formais: clareza (preparar e apresentar a matéria), associação (entre as idéias já obtidas e as novas), sistematização (generalização de conhecimentos) e aplicação (uso dos conhecimentos novos em exercícios).

Dentre os quatro passos, o quarto: método ou aplicação é situado como possível gerador da origem da TC. Isto porque é o momento do aluno fazer os exercícios aplicando o que aprendeu, em situações e exemplos novos, exercitando-o. O passo da aplicação geralmente coincide com o de atribuir ao aluno tarefas para realizar em casa.

Considerando que Comênio teria delimitado, em sua proposta, horário equivalente ao período de aula para a realização dos exercícios, Nogueira assinala que, em Herbart, o passo denominado aplicação não envolve uma definição de horários. A aplicação não necessita obrigatoriamente ocorrer somente em sala de aula, mas fora desta, no lar. Com base nesta constatação, Nogueira (1998, p. 74) afirma: “no meu entendimento há procedência em considerar Herbart o precursor das hoje já tradicionais tarefas de casa”. Além disso, a proposta herbartiana, dos quatro passos formais se consolidou e serviu de parâmetro para os fundamentos da escola moderna.

Outra pesquisa sobre a temática da Lição de casa, foi feita por Flávia Anastácio de PAULA (2000)⁷. Seu trabalho não tratou de uma pesquisa empírica de opiniões que buscasse uma representatividade dos sujeitos envolvidos na atividade (pais, professores e alunos etc.), mas observar os discursos prescritivos e compreender o conjunto de relações que envolvem a prescrição de tal prática escolar, preocupando-se em observar os discursos dirigidos aos docentes, sobre os deveres expressos nos Manuais de Didática e na revista Nova escola.

⁷ PAULA, Flávia Anastácio de. **Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras**. SP, 2000. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

2. AS TAREFAS DE CASA E DEVERES NOS MANUAIS DE DIDÁTICA

Penso que as lições de casa estão relacionadas com o trabalho realizado na aula e na escola, porém não pode ser considerado como igual em todos os aspectos, pela existência de distinção do lugar, do tempo e dos sujeitos envolvidos, tira-se os profissionais da escola e inclui-se a família, explicitamente.

A tarefa de casa é uma prática educativa que permeia a sala de aula, a escola, professoras, orientadoras e famílias. Uma prática escolar não da sala de aula (espaço), mas sim da aula e do currículo.

Os Manuais de Didática por nós selecionados, que se referem às atividades das tarefas, foram editados predominantemente entre os anos 50 e metade dos anos 80. A medida que um livro remetia a outro, seja do mesmo autor ou não, foram se consultando as obras de Afro do Amaral FONTOURA, Luiz Alves de MATTOS, Theobaldo Miranda SANTOS, Imídeo G. NÉRICE e Romanda Gonçalves PENTAGNA.

Destacarei nesses autores, recomendações, justificativas e prescrições sobre tarefas, deveres e lições, para casa quando aparecem como **parte da aula**, como **continuidade** desta, ou como uma **estratégia de instrução** ao longo dos manuais.

Nas primeiras edições de seu Manual de Didática Geral Romanda GONÇALVES PENTAGNA⁸ destacava as supostas qualidades das tarefas como um “técnica de fixação da aprendizagem que visa à aplicação do conhecimento pela reflexão” (1964, p.306).

Posteriormente, a edição de 1964 foi revisada e ampliada, e na nova edição de 1982 as tarefas passam a ser atividades realizadas fora da escola e na aula, e o seu correlato seriam os **exercícios**. O manual Prescreve que os Exercícios e as Tarefas deveriam ser:

“Selecionados em face aos objetivos, conforme a matéria e as dificuldades dos alunos; eles devem ser seriados em ordem crescente de dificuldades, formulados com dados reais e preparados pelo professor em casa, nunca de improviso na aula. (PENTAGNA,1964:307)

⁸ PENTAGNA, Romanda Gonçalves. *Didática Geral*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1964.

Na prescrição acima, confirma-se que há trabalho em casa não só para os alunos, mas também para os docentes. ROMANDA justifica a prática da tarefa pelos professores porque essa:

“Promove a fixação e permite a verificação, pelo professor, da aprendizagem (...) e conduz o aluno à elaboração ou aplicação do conhecimento” (GONÇALVES, 1982: 64)⁹.

Além de justificar a tarefa, a autora prescreve que durante o exercício ou a tarefa o professor deve “conduzir a atenção do aluno (...) analisar o automatismo (...) observar um modelo ou demonstração (...) iniciar atentamente para evitar erros, repeti-la para eliminar os erros (p.61, grifos meus).

A autora conceitua exercício como: “uma repetição continuada de qualquer processo visando alcançar uma **resposta automática** ou retenção permanente do aprendido” (p.60, grifo meu) cujo objetivo é “fixar e automatizar habilidade específicas sem esforço mecanicamente” (p.60) e conceitua a tarefa como “atividade que tem como objetivos a aplicação e a elaboração da aprendizagem, com base na reflexão do pensamento”(p.60).

Paralela e contemporaneamente às publicações de Romanda, seguem as publicações de Imídeo G. NÉRICE, no Manual “Introdução à Didática Geral”. A respeito do assunto trabalhado, esse autor afirmava que havia vários tipos de tarefas e prescreveu outras possibilidades para a atividade.

Tarefas podem ser dos seguintes tipos: **repetição** ou aquisição de prática, (...) de **aplicação**, (...) de **invenção**, (...) de observação (...) de experimentação, (...) de leitura-resumo, (...) tarefa de planejamento e realização, (...) (1968, p.380).

Já na edição de 1960, NÉRICE trata a tarefa também como um “**prolongamento da aula**” não apenas com a função de fixação:

A tarefa, principalmente favorece: (...) **Continuidade** e unidade do trabalho dentro e fora da classe (NÉRICE,1968:380, grifo do autor). A tarefa é de muita utilidade no ensino, pois, adequadamente preparada, **servirá para que a aula continue** em casa ou fora da sala de aula. (1968:376, grifo meu).

⁹ GONÇALVES, Romanda. Didática Geral. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1982. Edição enriquecida de novos assuntos, atualizada e refundida. 3º volume. - A edição é verificada e ampliada, e no nome da autora é retirado o PENTAGNA. O Manual “Didática Geral” que vem sendo publicado desde 1964 foi, ao longo das edições, sendo mais ampliado do que revisto. Uma mudança significativa é que o único volume da edição de 1964 é posteriormente subdividido nos três volumes apresentados na edição de 1982.

Sua posição quanto à tarefa de casa ser realizada fora do período escolar é claramente afirmada:

“Tarefas são exercícios para serem feitos fora da sala de aula, em casa ou na própria escola” para que “a aula continue em casa ou fora da sala de aula.” (NÉRICE, 1986. p.358).

O estudo pode ser levado a efeito em classe, fora da classe ou mesmo fora da escola, conforme a natureza, extensão, profundidade do assunto em estudo e da metodologia adotada.

Para NÉRICE, na sexta edição, de 1968, tarefa e Exercícios têm um valor equivalente na atenção do autor. Porém, na primeira edição de 1960 as supostas qualidades da tarefa eram acentuadas em relação ao exercício:

Tarefas: A tarefa tem um caráter mais amplo que o exercício. Enquanto o exercício destina mais a fixação de **automatismo** e mesmo a **memorização**, a tarefa tem mais o caráter de seleção de dificuldades, que requer reflexão para o encaminhamento de possíveis soluções. (1960: 279-80, grifos meus).

Cumpra a tarefa não ser mera ocupação rotineira, mas conter elementos que possam atrair a atenção e o interesse do aluno, exigindo-lhe **esforço** na sua execução. (ibidem: 280, grifos meus)

Posteriormente, Nérice aponta clara distinção entre exercícios e tarefas. Os exercícios estariam relacionados aos objetivos de fixação e automatização de formas de comportamento, enquanto as tarefas estariam vinculadas a atividades que objetivariam o prolongamento da aula fora da sala de aula. Os exercícios e tarefas, portanto, podem ser caracterizadas tarefas de casa, diferindo apenas em relação aos objetivos preestabelecidos pelo professor que condicionaria o uso de uma ou outra modalidade de atividade.

Este entrelaçamento se apresenta da seguinte forma:

Tarefas são **exercícios** para serem feitos fora da hora de aula, em casa ou na própria escola. (NÉRICE, 1968:375, grifo do autor). Quando o exercício é efetuado fora do período de aula pode receber o nome de tarefa. Mas nem toda tarefa é exercício. (ibidem: 379).

Para o autor as tarefas são consideradas como mais amplas que os exercícios que, se forem passados para serem feitos em casa, podem ser denominados tarefas de casa, e não tarefas devido ao tipo de atividade envolvida. Um exercício passado pode ser considerado tarefa, mas uma tarefa nem sempre é um exercício.

O autor finaliza a discussão acerca da distinção entre tarefa e exercício, apontando que os exercícios, preferencialmente, ocorram em sala de aula, sob a supervisão do professor e as tarefas ocorram fora do período escolar. Isto porque, segundo o autor, as aulas devem terminar com tarefas que teriam a função de prolongar as aulas.

Na 9ª edição do manual encontro referência sobre as atividades extra-classe, para a escola média, NÉRICE define a atividade como “práticas escolares que se estão impondo, dia a dia, como necessárias e urgentes, a fim de vitalizar o ensino e dar oportunidade de manifestações e desenvolvimento das aptidões dos educados, bem como das suas preferências. É claro que essas preferências, aliadas às aptidões, apontarão os rumos da indicação profissional e das atividades de lazer.” (...) “Algumas dessas atividades são: museu escolar; centro música; cine clube, etc.” (1968)

Comenta ainda:

“Tudo indica que as atividades extra-classe representam efetiva **complementação educativa** para a escola média, principalmente no auxílio que podem prestar ao trabalho de discriminação das aptidões do educando”. (NÉRICE, 1968: 72, grifo meu)

Os aspectos relativos às tarefas de casa destacados por Nérice na obra de 1986, ampliam e sistematizam sua prática como um todo. Em vários trechos, aborda preocupações como, por exemplo, relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula, nível de dificuldades apresentadas, instruções sobre o como e o que fazer e os prazos para a entrega.

Questão interessante é abordada quanto à solicitação de trabalhos que sejam razoáveis às possibilidades da cada aluno. NÉRICE preconiza tal necessidade para que se evitem possíveis fracassos, que constituem uma das causas do insucesso na escola.

As tarefas permitiriam ao aluno o desenvolvimento da autonomia e ao professor uma oportunidade de saber sobre as condições intelectuais em que se encontram seus alunos. Neste último aspecto, destaca-se a importância da correção das tarefas de casa por parte do professor.

As técnicas sugeridas por Nérice sugerem que o professor auxilie o aluno a encontrar sozinho seus próprios erros. Uma vez que o aluno não consiga, convida-se a sala para pensar conjuntamente sobre o caso. Finalmente se os erros não forem descobertos, o professor aponta-os.

Ainda na edição de 1968 NÉRICE enfatiza um capítulo sobre Fixação e Integração da aprendizagem. Pode-se extrair as seguintes justificativas e princípios quase dogmáticos:

“A fixação da aprendizagem se processa pela **repetição** e pela **aplicação** das habilidades adquiridas (...) a **repetição**, o **exercício** e a **prática** são fundamentais. (NÉRICE, 1968:308) Os exercícios objetivam **fixar** partes de um todo, **automatizar** determinada forma de agir...” (ibidem: p. 375)

A relação que NÉRICE estabelece entre a fixação e as tarefas é que o professor deve passar a tarefa, ou um o resumo da aula dada, para a aula seguinte, pois assim, através da fixação o aluno iria aprender.

As tarefas e os exercícios além de favorecer a fixação possibilitariam:

1- Incentivar o aluno a trabalhar por si. 2- Ajudar a tornar-se independente. 3-Habituar à procura. 4- Por em **prática** o que foi aprendido. 5- Estimular a leitura, a observação, a reflexão. 6- Favorece trabalho individualizado. (1968:380)

O objetivo “prática” tem um significado bem próximo ao de repetição e não ao de experiência, no seguinte modo:

Propor, no final de cada aula, uma questão problemática, como base no assunto estudado, para ser discutido no princípio do dia seguinte, questão que pode funcionar como **um verdadeiro fermento intelectual**.¹⁰ (NÉRICE, 1960: 282 e/ou 1961: 309, grifo meu).

Para que as tarefas adquiram aspectos mais amplos, o autor sugere que ao final de cada aula o professor apresente uma questão problemática conforme o assunto estudado para ser discutido na próxima aula, o que funcionaria como “verdadeiro fermento intelectual”. Essa tarefa, além de dar continuidade e estabelecer unidade entre o que foi trabalhado dentro e fora da sala de aula, estimula o espírito de pesquisa e, portanto, a autonomia e independência dos alunos.

Ao longo da leitura dos Manuais de NÉRICE e GONÇALVES há uma ausência nas supostas justificativas para o uso das lições de casa: está ausente a justificativa da **aprendizagem**, mesmo quando relacionam a lição com a continuidade.

Em apenas um momento o termo “aprendizagem” apareceu explícito. Quando NÉRICE (1968) afirma que “todo ginásio único deveria oferecer um campo, o maior vasto possível, de atividades extra - classe, relacionadas ou não às disciplinas do currículo, o que não só **favorecerá a aprendizagem**”. (1968: 72, grifo meu). Porém

¹⁰ Esta relação com o “fermento intelectual” não foi encontrado em outras edições, posteriores, em relação à *lição de casa*, nem em relação a outras atividades escolares.

aqui ele não está diretamente se referindo às tarefas, deveres, lições, para casa, mas sim das atividades extra-escolares.

O manual de Theobaldo Miranda SANTOS (1951), também agrupa as “tarefas” dentro do subtítulo “tarefas didáticas” como NÉRICE. As tarefas vêm junto com “fixação da aprendizagem, estudos dirigidos, trabalhos práticos, recapitulações e exercícios” (1951), porém esta relação não é mais vista no manual de 1967.

Para SANTOS os exercícios vêm separados das tarefas de casa, mas estas não excluem os exercícios.

Theobaldo Miranda SANTOS (1951) distingue uma lição de uma aula, vejamos:

Necessário ainda dosar a lição quanto ao tempo, que não deve ir além de 25 minutos, e quanto à capacidade de aprendizagem dos alunos. A lição deve focalizar os aspectos centrais do assunto. Esses aspectos devem ser recapitulados, resumidamente, ao fim da aula. (1951; p. 187)

Em uma nota de rodapé, muito pouco frequentes nos Manuais, Theobaldo Miranda dos SANTOS faz a seguinte distinção entre aula e lição:

Aula é um conjunto de lições realizadas num determinado período e constituindo uma unidade de trabalho. **Lição** é um **exercício** ou uma série de exercícios executados em classe, sob a direção do professor, durante o tempo da aula. A lição é também uma unidade de aprendizagem, que faz parte de uma unidade representada pela aula. (ibidem: p.188, grifo meu).

Para o autor, lição é uma parte da aula e não toda ela. Neste texto, distingue também lição de tarefa. Lição é explicitada como sob a direção do professor. Embora não tenha explícito que tarefa é para fazer em casa.

Posteriormente a SANTOS, tem-se a publicação do Manual de Luiz Alves de MATTOS (1971) que afirma que as tarefas:

(...) constituem um complemento indispensável às aulas, exigindo trabalho bem determinado e a prazo certo, corrigidos pelo professor, constituem um poderoso incentivo ao estudo e ao repasse da matéria focalizada na aula, bem como fator eficaz na formação de bons hábitos e contribui de forma decisiva para a fixação dos conteúdos. (MATTOS, 1971:352).

Ao enfatizar a importância da tarefa de casa na aprendizagem, considera que apesar de amplamente utilizada pelo professor, ela não tem sido eficaz devido ao fato de

desconhecimento ou até mesmo de negligência em relação à mesma. Nas palavras de MATTOS:

As tarefas escolares constituem um complemento indispensável às aulas (...) Se bem que sobejamente conhecidas pelo magistério e de uso universal, as tarefas perdem muito de sua eficácia devido ao descaso de certas normas de elementar bom-senso por parte de professores menos atentos. Como observa H. Betts: de tarefas apropriadas dependerá grande parte do sucesso do ensino e do progresso dos alunos na sua aprendizagem. (MATTOS, 1966, p. 352)

MATTOS (1966) procura conscientizar os professores sobre a necessidade de desenvolver atividades significativas com seus alunos e aponta os momentos mais oportunos e procedimentos que contribuiriam para uma atividade mais efetiva, e, portanto, produtiva. Ele redimensiona a prática que envolvia a tarefa de casa na época e indica caminhos mais favoráveis à sua realização plena.

Ao que parece, na época havia a suposição de que a prática da tarefa de casa não era adequada para uma aprendizagem significativa. Cabe comentar que atualmente a questão de que a tarefa de casa tem proporcionado aprendizagem significativa também é duvidosa.

Como maneira de atenuar o problema, Mattos apresenta as principais normas referentes ao planejamento, marcação e correção da tarefa de casa, de forma a orientar o professor. As normas serão expostas na íntegra, para que possam ser observados os aspectos aos quais Mattos se refere:

1_ Quanto ao planejamento das tarefas:

- a) Organize a tarefa, relacionando-a diretamente com o objetivo e o conteúdo de aula. A tarefa deve ser sempre um prolongamento natural da aula, levando os alunos ao seu repasse, mediante metas bem definidas a serem por eles atingidas.
- b) A tarefa deve ser calibrada, isto é, graduada quanto ao tempo que vai exigir dos alunos (entre 20 e 30 minutos no máximo) e quanto ao grau de dificuldade que para eles representa. A tarefa deve constituir um repto estimulante à inteligência dos alunos, mas não acima de seu alcance ou capacidade. Portanto, não deve ser por demais fácil nem extremamente difícil.
- c) Evite a rotina planejando tarefas interessantes, que em sua sucessão, exijam seqüências e formas diversificadas de trabalho, oferecendo novas perspectivas aos alunos.

- d) Prepare instruções breves, mas bem definidas para orientar os alunos na sua execução. Cada aluno deverá saber claramente fazer e como fazê-lo.

2_ Quanto à marcação das tarefas:

- a) Marque a tarefa para os alunos no momento que julgar mais oportuno. De acordo com certos autores, o momento psicológico mais indicado é no final da aula; de acordo com outros, é no início da aula, servindo nesse caso, como incentivo dos alunos.
- b) Ao marcar a tarefa (1) certifique-se de que todos os alunos estão atentos e anotaram em seus cadernos; (2) dê instruções bem claras e precisas sobre o que os alunos devem fazer e como devem fazê-lo; (3) notifique-os do prazo certo da entrega, visto cindir a unidade psicológica do processo de aprendizagem.
- c) Ao marcar a tarefa, incentive os alunos para o trabalho em perspectiva, salientando sua necessidade e importância e mesmo sua dificuldade. Faça com que a tarefa se torne significativa para os alunos.

3_ Quanto à correção das tarefas, esta pode ser feita pessoalmente pelo próprio professor ou em aula com os alunos, como exercício de classe.

- a) No 1º caso: anote a lápis ou em vermelho o erro cometido; consigne o grau merecido com breves, mas oportunas observações; devolva-as aos alunos para tomarem conhecimento do mérito de seu trabalho e suas falhas.
- b) No 2º caso: submeta a tarefa a um repasse ponto por ponto, feito no quadro negro, para os alunos realizarem a auto-correção; forneça-lhes o critério de julgamento para que eles mesmos apliquem. Terminando o julgamento, fala uma rápida inspeção para verificar a exatidão do julgamento consignado pelos alunos dos seus próprios trabalhos. (MATTOS, 1966, P.354)

Em poucas linhas Mattos (1966), aponta com precisão aspectos fundamentais à elaboração de tarefas de casa que possibilitem ao aluno a aprendizagem significativa.

Verifica-se a preocupação com algumas condições que envolve a tarefa de casa e que interferem efetivamente com o fato da realização ou não das tarefas de casa por parte dos alunos. Dentre as preocupações manifestadas por Mattos está à relação professor/aluno, ou seja, segundo ele o fato de as tarefas serem realizadas ou não depende do tipo de instrução e das condições oferecida pelo professor.

Uma das razões pelas quais a tarefa de casa precisa ser repensada, segundo a visão de Mattos é que há uma incoerência por parte dos professores. O professor passa tarefas para casa, diariamente, e quer que o aluno faça também, diariamente, em casa, as tarefas.

Por outro lado, o professor ao corrigir a tarefa, passa o visto rapidamente nos cadernos, quando o faz, apenas para inspecionar se o aluno fez ou não. Quando corrige o faz coletivamente, oralmente ou por escrito no quadro e não individualmente. O tempo gasto com isso é muito pouco. Em verdade, o professor não atribui à tarefa de casa o mesmo rigor, tempo e valor que exige do aluno.

Em vários trechos do manual de MATTOS (1966) fica nítido as mesmas preocupações encontradas em NÉRICE como, por exemplo, a relação com os conteúdos trabalhados em sala de aula, nível de dificuldades apresentadas, instruções sobre o como e o que fazer.

No Manual de Afro do Amaral FONTOURA (1966) procurei indícios em que o autor explicitasse sobre as tarefas. Seria possível, de acordo com sua filiação escolanovista, que Afro do Amaral FONTOURA não fizesse nenhuma consagração às tarefas de casa nem tampouco propor a abolição da mesma:

Todo mestre, inclusive o primário, deverá ter a preocupação do tempo. O assunto a abordar precisa caber dentro do tempo disponível. Por isso, quando chegar aos últimos momentos da aula, deve o professor estar terminando também a matéria, sem esquecer de marcar os “trabalhos para casa” (1966:210, Aspas do autor).

E ainda:

A solução que nos parece melhor, é esta, o mestre passa o exercício em aula (...) a correção é coletiva (...) fazendo o mestre a verificação formal (...) não se deduz do que dissemos acima que as tarefas devem ser feitas sempre durante a aula. Os exercícios “para casa” são indispensáveis. Apenas sugerimos que sejam alternados com outros tantos feitos na própria aula. (1968: 470)

O exercício é justificado por FONTOURA, que é um dos poucos autores de Manuais brasileiros, pós-guerra, que traz no texto um alerta sobre os possíveis efeitos negativos das tarefas de casa e uma descrença no seu valor pedagógico ou justificativas para serem reformuladas.

[A didática Renovada] Realiza muitas vezes os **exercícios** em aula, foi amplamente verificada que as “tarefas para casa” não atingem seus objetivos na medida desejada, porque muitas vezes: a) os “deveres” **foram feitos pela mamãe ou pelo papai**; b) o aluno simplesmente não apresentou os deveres marcados; c) o professor não **corrige** os deveres com a devida atenção, dada a quantidade de cadernos que tem de levar

para casa e a falta absoluta de **tempo** o para fazê-lo. (ibidem:470, grifos meus)

Tentando elaborar essa proposta de Escola Renovada, o autor propõe que a ênfase da aula e do trabalho é na pesquisa, conforme cito:

“Na escola tradicional empregava-se quase exclusivamente o **exercício** ou tarefa para casa” (1968:469) (...) O professor usava todo o tempo de aula para “dar a matéria” e mandava que os jovens fizessem exercícios de **fixação em casa**. A Didática Renovada também vale dessa técnica [para fixação de aprendizagem], mas não exclusivamente, intercalando-a com jogos, debates, trabalhos de grupo e experiências. (FONTOURA, 1968:470, grifos meus).

Essas foram as únicas recomendações do autor que, até o momento, encontrei. Observo, porém, que ele continua propondo, além da pesquisa, os exercícios, as fixações, os estudos dirigidos.

3. DESCRIÇÃO DA REVISTA NOVA ESCOLA

Ao utilizar a Revista Nova Escola como fonte nesse trabalho, preocupei-me em olhar as prescrições feitas às professoras, com o objetivo de aproveitar alguns indícios presentes nos artigos que ajudam a compreender o fenômeno da lição de casa nestes tempos neoliberais.

Esta revista é um material de grande circulação, fácil acesso aos/as professores/as. Trata-se de uma publicação mensal, com nove edições anuais, não circulando nos meses de recesso escolar. Tem distribuição nacional e publica assuntos sobre educação na forma de cartas, depoimentos, entrevistas, reportagens, relatos de experiências, contos, crônicas, cartuns, sugestões de atividades, perguntas e respostas, propaganda de material escolar e projetos político pedagógicos.

Sua circulação iniciou-se em março de 1986 e continua até a presente data. Atualmente a Revista Nova Escola é distribuída pela Editora Abril que contempla todos os Estados do país.

A revista se auto define como uma publicação jornalística, que não pretende trazer textos científicos, ou pedagógicos e é dirigida ao público de professores/as, principalmente professoras da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Trata-se da revista da Editora Abril que tem o maior número de leitores femininos, 85%, isto é, uma porcentagem de leitoras maior que as revistas Cláudia ou outras revistas chamadas “femininas”. A revista Cláudia, por exemplo, tem um público leitor feminino próximo a 70%, segundo dados da própria editora. Isso não faz da Nova Escola uma revista feminina, mas uma revista dedicada a uma categoria profissional constituída por maioria de mulheres e que leva em conta este aspecto na construção discursiva. (Apud COSTA e SILVEIRA, 1998, p.366)¹¹.

A revista Nova Escola, segundo COSTA e SILVEIRA: “É, seguramente, o mais conhecido periódico dirigido a um segmento ocupacional específico. Tal capacidade de inserção e aceitação deste produto deve-se em parte, à forma inicial de tal distribuição e divulgação”. (ibidem)

¹¹ Marisa Vorraber Costa e Rosa Maria Hessel Silveira. A Revista Nova Escola e a construção de identidades femininas. In.: BRUSCHINI, Cristina e HOLANDA, Heloisa Buarque. Horizontes Plurais: Novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Ed.34, 1998

Foram encontradas oito publicações da Revista Nova Escola (editada pela Fundação Victor Civita e subsidiada pelo MEC, com distribuição nacional) entre abril de 1986 e maio de 1999. Dos quais números: 2, 6, 14, 17, 21, 22, 77, 96, 122, relacionavam-se diretamente com o tema *lição de casa* ou a participação de pais/mães no acompanhamento dos filhos na escola. Nesse estudo detenho a atenção apenas à edição número 122 de maio de 1999, por ser a reportagem que vem destacada na capa.

A pergunta feita na capa da revista Nova Escola n.º 122: “Lição de casa funciona?” A resposta é sim. Toda a argumentação se faz a partir da perspectiva de que funciona. Os depoimentos e outras formas de organização dos textos e diagramação são utilizados para demonstrar, confirmar, reforçar e convencer a professora/leitora dessa concepção.

Na seção Carta ao Leitor, encontramos o editorial. Trago-o na íntegra e destacarei em negrito alguns itens:

Lições extraídas da **rotina**.

A atividade em sala de aula exige dos professores a **repetição** de algumas tarefas que, **com o tempo**, correm o risco de serem cumpridas de maneira **mecânica, rotineira**. Passa-se então a prestar pouca atenção nelas perdendo-se, assim, o **potencial renovador e dinâmico** que tem toda ação escolar. É isso que costuma acontecer com os exercícios indicados para os alunos fazerem em casa. A lição de casa muitas vezes costuma limitar-se a uma revisão do que foi visto em classe. É pouco. Convencidos de que a educação não se limita às quatro horas em que permanecem na escola, seus alunos podem envolver muito mais com as suas aulas, ler mais, aprender a pesquisar e aproximar a família de sua vida escolar. Fico satisfeita quando nós, da NOVA ESCOLA, conseguimos garimpar **novos olhares e abordagens inesperadas** das atividades que fazem parte do dia-a-dia profissional dos nossos leitores. Caso consigamos tornar, por pouco que seja, mais clara e **proveitosa** a tarefa de ensinar, todo **nosso esforço** terá valido a pena.(...)”.(NE122,1999:3, grifo meu)

Ao fazer uma análise sobre a reportagem, verificamos que a rotina, a repetição, a maneira mecânica é contraposta com o potencial renovador e dinâmico. Na chamada do índice, tem-se: “Seus alunos podem adorar o dever de casa” também afirma uma possibilidade de sucesso à professora, caso ela aplique as prescrições da reportagem.

A reportagem ainda traz uma pequena quantidade de justificativas comparada com os manuais e uma grande quantidade de prescrições.

A NE 122 faz dois tipos de prescrições, uma direta, usando o verbo no imperativo – faça, reserve, distribua, explique – e uma prescrição indireta, menos dura, através do narrar da experiência bem sucedida – Fulana começa por – ou através dos

depoimentos dos entrevistados, sejam eles especialistas de uma determinada área, sejam professores narrando suas experiências, uma força maior “ele narra uma prática” que muitas vezes passa como “a prática real de Fulana é ideal e possível a todos/as leitores/as professores/as e alunos/as”.

Assim temos o que a prescrição dura e a prescrição indireta na qual a mensagem subliminar é: siga o modelo.

A “opção pelo receituário” da revista constitui-se segundo Marisa Vorraber COSTA e Rosa SILVEIRA (1998), em um dentre os vários pontos que aproximam Nova Escola das revistas femininas. Assim como nas revistas femininas prescrevem, com o verbo conjugado no imperativo, fórmulas de beleza, elegância e bem viver, ou mesmo receitas de cozinha, a revista *Nova Escola* fornece receitas para as professoras e professores realizarem seu trabalho. “(...) A revista não apenas prescreve receitas e sugestões na forma imperativa, mas o faz após uma ampla e minuciosa exposição de incorreções, inadequações e incompetências dos/as docentes na execução de tarefas inerentes ao seu trabalho.” (p.371)

Na Revista Nova Escola temos as seguintes prescrições a respeito da finalidade dos deveres de casa: “A verdade é que a tarefa pode multiplicar o **rendimento** das suas aulas.” (NE122, 1999, p.8, grifo meu) fazer suas crianças “capazes de assumir **responsabilidades**” (NE122, 1999: p.9, grifo meu). Como também propõe e prescreve que a professora “descubra com os estudantes como cada um pode **render** mais” (NE122, 1999, p.12, grifo meu).

Porém, para isso recomenda ao professor que comece “mostrando a eles qual a **importância** da lição” Que retome “as **regras** sobre a tarefa já combinadas com os alunos nos anos anteriores.” E dessa maneira, “fica mais clara para meus alunos a **importância** dos exercícios” (Profª. Fund. NE122, 1999, p.12 - 13) (Grifo meu)

Ao longo da leitura da Revista Nova Escola são explicitados os “objetivos” a respeito dos deveres de casa: **responsabilidade, autodisciplina e autonomia**, fatores que consideram importantes na educação. Fica sob a responsabilidade do professor mostrar aos alunos a importância da lição de casa.

A partir do que foi dito, a revista Nova Escola conclui que a tarefa de casa é um caminho que pode auxiliar no aprendizado visto que se constitui em um complemento didático.

4. DISCUSSÃO SOBRE A TEMÁTICA

A descrição desses Manuais, como fonte de pesquisa, mostrou o quanto eles foram importantes e “legitimados” em determinados momentos históricos e que seus vestígios ainda encontram-se presentes na escola.

Os Manuais compõem a história escolar e até nos constitui. Descobri que os Manuais de Didática, citados anteriormente, não eram advindos de uma Escola Tradicional, partiam do ideário da Escola Nova. Eles fazem parte do escolanovismo, da formação das professoras e do ideário da escola pública nos anos 50, 60 e 70 até meados dos anos 80, também conhecidos como a Escola Renovada.

Olhando para aqueles textos dos Manuais de Didática da década de 60 a 80, percebi que não seria ali que eu encontraria argumentos contra as tarefas de casa, ou que mostrasse o quanto a tarefa é importante para recuperar o fracasso escolar. Muito pelo contrário. As lições de casa eram um componente constituinte do ensino e da escola.

Parecia tão “natural” de existir que não havia necessidade de ser justificada. Parece que esta importância é tão incorporada que todas as professoras sabem qual é. De certa forma esses autores de Manuais produzem um dogma, fazem com que uma atividade passe a ser “naturalizada”, sugerem uma mesma prescrição:

“A tarefa é de muita utilidade no ensino, pois, adequadamente preparada, servirá para que a aula continue em casa ou fora da sala de aula”(NÉRICE, 1971:467).

A *lição* como continuidade da aula traz uma evidência de que os autores dos Manuais pressupunham que poderia haver uma continuidade e não uma ruptura entre a Escola e a Casa. Porém, questiono-me: Para quais alunos a lição poderia continuar em casa? A qual seguimento da sociedade esses manuais estão se dirigindo? Qual a função da escola para eles?

Acredito que a escola ao passar lições já pensa num ideário de grupo social e como toda ideologia é a ideologia da classe dominante.

Em todos os momentos a *lição de casa* é tratada como uma atividade que apenas têm vantagens. As desvantagens que eventuais *lições* possam ter para o desenvolvimento acadêmico, não são listadas. Pelo contrário, elas se transformam em mais prescrições, “façam assim para não sair errado”. Na leitura desses textos fica implícito que se desvantagens possam vir a existir é por culpa do professor, que não

tomou os devidos cuidados, com o planejamento, a correção, etc. São prescrições que encontrei tanto no manual quanto na revista nova escola.

Mesmo estando no final do século (1999), a Revista Nova Escola 122 faz quase as mesmas prescrições, porém não justifica da mesma forma, ela quase não fala de fixação. Muito embora o título seja “Lição de Casa Funciona?” em forma de pergunta, e sugerindo um possível questionamento à atividade, a matéria é estruturada com os mesmos argumentos dos Manuais.

Uma característica encontrada nos manuais é que os autores da Didática tratam lição de casa como se tratassem da aula, pressupondo que as características da aula eram continuadas na lição de casa ou compreendendo a atividade como uma das etapas da aula.

Apesar de pertencer a um outro momento histórico e trabalhar em uma nova concepção de Didática, a relação da lição de casa com a consolidação da aprendizagem, com uma continuidade a casa, com o estudo ativo, foi encontrada como uma permanência dos Manuais. Apenas a interação dos professores com os pais e a possibilidade destes conhecer o que se faz na escola é distinta.

NERICE propõe a ideologia do fermento intelectual, ideologia que ainda é usada. A criança está há anos na escola e não aprende como a escola gostaria, logo, é proposto que devemos dar a ela mais tempo de atividade escolar em casa. A lógica do fracasso revelava o ilusório: a criança não melhora com este remédio, logo aumenta-se a dose.

Parece ser como se estivessem mudado o ditado medieval, “a letra com sangue entra” e o ditado jesuíta “a repetição é a mãe da memória” para uma justificativa baseada no “a letra com esforço entra”, já que conforme NÉRICE (1971) “Para que algo fique na vida comportamental é preciso conquistá-lo **com esforço, tenacidade e constante revisão**”. (p.460, grifo meu).

Se o professor pensa que a memorização garante a aprendizagem, logo, na tarefa de casa estará embutido este teor. Os alunos realizarão atividades ligadas a desenvolvimento de automatismos, repetições e exercícios padronizados: cópias e seqüências de números, dentre outros.

Se por outro lado, o professor desenvolve atividades voltadas à promoção da aprendizagem significativa, a tarefa de casa certamente estará direcionada a este objetivo.

Isto significa que o processo de aprendizagem significativa é resultado de uma intenção específica do professor e da escola: proporcionar experiências de aprendizagem que realmente concorram a uma compreensão do conteúdo estudado.

A tarefa de casa significativa constituiria resultado de uma intenção de aprendizagem de qualidade por parte da escola de maneira geral e, particularmente, entre os gestores escolares. A escola deveria posicionar-se em relação ao assunto e incluí-lo na pauta de discussão em reuniões de professores e pais.

A tarefa de casa é aparentemente esquecida entre as discussões que acontecem nas escolas. Uma vez que fossem definidos critérios de formulação e articulação com as demais atividades de sala, a tarefa de casa poderia ser trabalhada pelos professores como parte do processo de ensino e aprendizagem, e não com um fim em si mesma, como vem ocorrendo.

A tarefa de casa é concebida por intermédio das concepções sobre as finalidades da educação e formas de como viabilizar as atividades dos alunos a fins determinados.

5. A PRODUÇÃO AMERICANA SOBRE AS TAREFAS DE CASA.

A pesquisa sobre os deveres de casa publicada em língua inglesa, tanto de origem americana, inglesa, ou australiana é bastante extensa, em especial destaque para a literatura americana. A pesquisa americana sobre deveres, tarefas, lições, trabalhos para casa, ou como nomeiam *homeworks*, e suas discussões polêmicas datam quase de um século.

PAULA (2000) em seu estudo sobre a temática faz um levantamento bibliográfico e uma revisão sobre a produção americana, destaco em seu trabalho os textos de COOPER (1989), FOYLE (1992) e PALARDY (1995) por trazer uma perspectiva mais histórica sobre o tema.

No início de Século XX, o cérebro era visto como um músculo que poderia ser beneficiado com exercícios mentais, ou técnicas de memorização. Assim, a memorização poderia ser feita em casa, e tarefas de casa eram vistos como “bons” ou importantes.

Durante os anos 40, com a mudança da ênfase na educação passando das habilidades para a resolução de problemas, os tarefas caíram. Mas, com o lançamento do satélite Sputnik, pelos russos, reverte essa tendência, ocorrendo que a Educação deveria ser rigorosa e preparar as crianças para a complexa tecnologia. Acreditou-se que as lições de casa poderiam acelerar a aquisição de conhecimentos.

Nos anos 60 presencia o reverso, os deveres são vistos como um sintoma de inútil pressão nos estudantes.

Nos anos 80, o tema homework retorna em evidência. Assim, COOPER (1989)¹², faz uma listagem dos efeitos positivos e negativos dos deveres para casa¹³ indicados pela pesquisa da revisão da literatura.

¹² COOPER Harris. Syntesis of research on Homework. Grade level a dramatic influence on homework's effectiveness. *Educational Leadership*, nov. 1989. p.85-91

¹³ EFEITOS POSITIVOS: A) Na aprendizagem e resultados imediatos: Melhor retenção do conhecimento

factual; Aumento do entendimento; Melhora o pensamento crítico, a formação de conceitos e o processo de informação; Enriquecimento do Currículo. B) Acadêmicos a longo prazo: Disposição para ler durante o tempo de lazer; Melhora das atitudes em relação à escola; melhora as habilidades e hábitos de estudo.

C) Não acadêmicos: Maior auto organização; Maior autodisciplina; Melhor organização do tempo; Maior independência para resolver problemas; Maior curiosidade.

EFEITOS NEGATIVOS: A) Cansaço: Diminuição do interesse em atividades acadêmicas; Fadiga física e emocional; Negação de acesso para tempo de lazer e atividades comunitárias; B) Interferências dos pais: Pressão para fazer completo e para boa performance; Confusão de técnicas instrucionais. C) Trapaça: Cópia de outros estudantes; Ajuda de professores particulares. D) Crescimento das diferenças entre alunos com êxito e fracassos.

Para PAULA (2000) estes efeitos encontrados, podem ser até contraditórios, mas representam uma síntese dos discursos sobre os efeitos dos deveres. Destaca que COOPER (1989) encontrou um grande número de pesquisas que concluíam que os deveres têm um efeito quase nulo no desempenho dos alunos que estão nos níveis de escolaridade mais baixos.

A relação contraditória se complica quando COOPER (1989) prescreve algumas sugestões para uma política de tarefas. Dentre várias sugestões recomenda que os estudantes da Escola Elementar tenham tarefas, com a finalidade de apenas ajudar esses jovens estudantes a ter bons hábitos de estudo, atitude positiva em relação à escola e ensiná-los que a aprendizagem pode ocorrer em vários lugares, tanto em casa, como na escola podendo ser dada uniformemente para toda a classe. E não esperar como resultados dessas tarefas um bom resultado nos testes.

Para as séries intermediárias (junior high school), COOPER sugere um misto de tarefas voluntárias e obrigatórias, com temas interessantes para a idade. Sugere que as tarefas nunca sejam dadas como punição, pois assim comunicariam que o trabalho escolar é chato e aversivo. Para as séries mais elevadas (high school), o autor recomenda que o professor já pode ver a casa como uma extensão da sala de aula, pois aí as pesquisas mostram que as tarefas possuem efeito no desempenho, os estudantes poderiam praticar e rever as lições, sendo que o papel dos pais (como ajuda) deve ser mínimo.

Dentre outras sugestões, o autor acrescenta que as tarefas nunca poderiam ser usadas como uma oportunidade para testes e o professor não poderia discriminar os alunos em função das diferenças nos níveis de desempenho na tarefa. Finalmente, COOPER (1989) conclui que a revisão da literatura indica que tarefas têm uma relação custo benefício positiva, porém ela deve servir a diferentes propósitos em diferentes níveis de ensino.

Outro autor que analisa as pesquisas americanas é Harvey FOYLE (1992)¹⁴ em que organiza uma abordagem histórica da atribuição das tarefas de casa. Inicialmente, o autor localiza-se nos anos 1700, na Inglaterra. A escola como nós conhecemos, não existia, nem as tarefas de casa, relata que a escola, geralmente, era dominical.

Segundo o autor, em 1842, detecta-se que estudantes levavam livros para casa antes de fazer suas lições na escola. Assim, uma Comissão Real formada observa que

¹⁴ FOYLE, Harvey. Homework: a Historical Perspective or the merry-do-round and round! 1992 p.15-24.

estudantes faziam seus melhores trabalhos na escola e tarefas de casa não deveria ser passada.

Com o passar dos anos, segundo o autor:

Numerosos humanitários promoveram a educação escolar pública, assim estas crianças poderiam aproveitar sua juventude, tornar-se cidadãos educados e ficariam fora do mercado de trabalho.(FOYLE, 1992, p.15)

FOYLE está atrelando uma possível relação da criação da escola pública com os deveres de casa. PAULA (2000) destaca que FOYLE justifica a criação da escola pública para tirar as crianças do mercado de trabalho, “trocando” o trabalho infantil mal remunerado pelo trabalho escolar. “Esse discurso parece-me muito próximo ao atual discurso de que lições de casa ajudariam a tirar as crianças das ruas, isso poderia ser “traduzido” como “tiraria do mercado informal de trabalho”?”

O autor continua narrando que, entre 1860 e 1870, na Inglaterra, as escolas públicas elementares foram apropriando os deveres como uma prática.

Em 1904, descreve que foi realizada a primeira pesquisa experimental sobre os deveres, na Alemanha por Jager, Schimidt e Mayer. Estudando a relação entre escola e saúde, os autores condenam os deveres por produzirem ansiedade. Alegavam, também, que os estudantes deveriam praticar hábitos de higiene, sentando corretamente, lendo a certa distância dos olhos e respirar ar puro, e os deveres poderiam quebrar os hábitos de estudo formados na escola por hábitos impróprios em casa.

Um dos marcos dos trabalhos sobre deveres, tarefas, lições, citado por FOYLE e vários autores, é o artigo publicado no Ladies'Home Journal em 1913, que propõe abolir a atividade das escolas públicas. O artigo enumera os atributos negativos dos *deveres* e chama-os de desperdício de tempo, sendo nem natural nem saudável. (FOYLE, 1992, p.16)

Ainda segundo FOYLE, nos anos 30 o debate sobre os deveres interessa ao governo. Assim o relatório da Casa Branca afirma que os deveres deveriam começar na seventh grade, e sugere que as crianças aprenderiam incorretamente sem a supervisão do professor. As questões de saúde ainda são centrais no debate, assim como deveres versus não-deveres.

Em torno de 1960, surge o debate envolvendo variadas relações entre quantidade de tarefas, tempo envolvido, tipo e hábitos de estudo necessários: a abolição dos deveres ou o estabelecimento de uma política do Distrito para ordenar e regular a atividade. No final da década, as pesquisas experimentais sobre tarefas foram criticadas quanto ao seu

projeto, ao processo, aos instrumentos de medidas e o fracasso em explicar os diferentes resultados.

Segundo FOYLE, os anos 70, durante o Movimento Back-to-the-Basics (Volta para o Básico), a ênfase do debate deveres ou não-deveres muda para as competências e habilidades necessárias para fazê-los. Como resultado, o autor cita as propostas de divisão das tarefas de acordo com seu tipo: Preparação, Prática, Extensão e Criatividade (FOYLE, 1992, p.19).

FOYLE, assim como PALARDY(1995)¹⁵, afirma que o interesse pelos deveres é retomado com o relatório “Uma Nação em Risco”. Tal relatório afirmava que a quantidade de deveres havia declinado e que eram freqüentemente insignificantes, recomendando então, “passar” mais deveres.

Assim, o “homework recebeu seu maior empurrão do presente movimento de Reforma Educacional Estadual e Nacional nos Estados Unidos” (p.19) e é visto como um meio de baixo custo para levar os estudantes a estudar mais. Como consequência de tal política na pesquisa acadêmica foram retomados os estudos sobre os efeitos, o meio ambiente de casa, os tipos de deveres com intensidade. Os trabalhos indicam uma correlação entre o tempo gasto nos deveres e o resultado acadêmico, e a maioria dos professores, estudantes e pais afirmam que querem deveres (p.20).

Para finalizar a discussão PALARDY (1995) analisa a produção americana a respeito da temática:

Historicamente, trabalhos de casa não têm tido um consistente papel na educação pública americana. Mudança de percepção de sua importância tem produzido reviravoltas freqüentes através dos anos, entre uma atribuição grande ou pequena da quantidade de trabalho de casa. (...) Hoje há uma tendência forte em direção a uma atribuição de mais trabalho de casa. Essa é uma tendência que começou em 1957 com o lançamento do Sputnik I, quando os americanos perceberam que necessitavam pôr-se em pé de igualdade com a tecnologia russa. A tendência cresceu em intensidade nos anos 80 com a publicação de vários relatórios críticos sobre a educação americana e tem atingido o auge nos anos 90, com os esforços municipais, estaduais e nacionais para a reforma educacional. (p.30)¹⁶

¹⁵ PALARDY, J. Michael. Another Look at Homework; homework i one of the most haphazard teaching practices in American chools today. May 1995

¹⁶ Tradução: PAULA, Flávia Anastácio de. Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras (2000) (p.46)

6. A TAREFA DE CASA E O USO DO TEMPO

As prescrições sobre o dever de casa foram constituindo-se como algo necessário, importante, tradicional, natural ao processo de aprendizagem e ensino escolar. Não se trata de produzir algo, mas de produzir algo em determinado tempo.

No cotidiano da escola a alfabetização é em determinado tempo/época (por volta dos 6 ou 7 anos) em um determinado tempo/duração (durante uma ou duas séries). O que foi uma inclusão, ou seja, todos podem aprender tudo, desde que seja dentro do tempo, foi se transformando em uma exclusão, quem precisar de mais tempo (duração) ou estiver fora do tempo (época) é olhado como menos qualificado. Não se trata apenas de aprender ou de ensinar algo, mas de aprendê-lo em determinado tempo.

Nos manuais também encontramos prescrições relacionando tempo e lição de casa. Nas prescrições de NÉRICE (1971)¹⁷ temos os deveres relacionado com o tempo:

“Ela deve ser adequada às possibilidades, nem difícil e nem longa demais para não afogar os alunos” e ressalta que “Os prazos (...) são a razão de ser da tarefa” (p.467). Em outro momento o autor refere-se de forma quase idêntica ao tema: “Os prazos para entrega de tarefas devem ser respeitados, caso contrário ela perderá toda razão de ser” (NÉRICE: 1968; 379, grifo meu).

Os prazos, tempo, mostra que fazer não é suficiente. É necessário que seja feito no prazo, no tempo. Esse prazo pode tanto ser justificado na organização do trabalho escolar como um elemento integrante do planejamento do professor ou coletivo. Que horas são? Que dia é hoje? Esta atividade é para a 2ª aula de quarta - feira.

NÉRICE (1971), por exemplo, continua justificando e prescrevendo que a tarefa “Cumpre não ser mera **ocupação** rotineira, mas atrair a atenção e exigir **esforço** na sua execução” (p.469-70 grifos meus). Theobaldo Miranda SANTOS (1967) também adverte que: “a tarefa não é um pretexto para manter as crianças **ocupadas**, é sim um meio de estimulá-las no sentido de que consagrem ao **trabalho** todas as suas forças” (p. 256, grifos meus).

Se pensar sobre as tarefas de casa é também pensar sobre o tempo escolar, e pensar como o tempo é gasto, usado, passado, determinado nessa sociedade, talvez também pudéssemos pensar sobre a influência de Comênio¹⁸ para com o tempo escolar.

¹⁷ Imídeo Nérice. Introdução à didática Geral. 11ª edição. Fundo de Cultura. 1971. Volume 2.

Ele prescreveu no século XVII as bases da escola moderna, e construiu um princípio da didática: a prescrição ao professor. Tomou como modelo o relógio, e a ordem prescrevendo inclusive: “A arte de ensinar exige uma habilidosa repartição do tempo, das matérias e do método. Dar as escolas tal organização que corresponda a um relógio.” (COMÊNIO, 1957:p.186)

Comênio também prescreve uma utilização do tempo, já que para ele as crianças devem ser “exercitadas em trabalhos e ocupações contínuas, quer de caráter sério quer lúdico, para que a ociosidade se lhes torne insuportável” (1957:420)

É na relação com o tempo, a escola funcionando como um relógio, que podemos pensar na influência de Comênio nas tarefas de casa, já que o autor não prescreve tarefas fora do espaço/tempo escolar explicitamente, mas sim sobre o uso do tempo escolar.

Esta relação do uso do tempo com a aprendizagem, sua vinculação com a produção e a construção de uma idéia de dever, nos deveres, também podem ser observada nestes exemplos mais recentes:

“Procuro ajudar cada um a reservar um tempo para a tarefa escolar dentro da sua rotina” (Profª. E. Infantil; NE122, 1999:12)

“Vamos fazer a lição de casa **sem interrompê-la** como aqui na classe” (Profª. Educação Infantil; NE122, 1999:12, grifo meu)

(...) mais importante que o tempo gasto na lição é o tipo de atividade solicitada pelo professor (NE 122, 1999, p.9)

Não há dúvida de que é **improdutivo** parar a tarefa a toda hora para visitar a geladeira ou falar ao telefone. (NE122, 1999:12, grifo meu).

A revista Nova Escola, marca no seu discurso uma escolarização que não se limita à escola ou ao tempo na escola. Mostra o discurso da extensão da escolarização como uma das justificativas para os deveres. A escola parte do pressuposto que o aluno tem um tempo livre em casa, e que este tempo precisa de regulamentação, ordenação e de ocupação.

A relação que esta revista, estabelece com uma produção, um determinado uso do tempo para mais essa produção é aberta, explícita. PAULA (2000) acredita que há um salto: “não se trata mais apenas do uso útil do tempo fora da escola, mas sim, relacioná-lo, dirigi-lo, gerenciá-lo, racionalizá-lo, discipliná-lo, auto determiná-lo para

¹⁸ Comênio, João Amós. Didactica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. 3ªed. (trad. Joaquim Ferreira Gomes) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1957. Edição original de 1627.

que além de útil (o que permite uma multiplicidade de valores) seja também produtivo, eficaz, traduza em rendimento, em ranking” (p.117).

É impressionante como através da justificativa, prescrição de uma atividade podemos observar tamanha regulação do tempo. Uma economia política do tempo. Uma ordem moral.

7. A RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA COM OS DEVERES DE CASA

As tarefas escolares têm sido consideradas necessárias pelas prescrições dos manuais e pelas revistas dirigidas aos professores.

Como visto nos capítulos anteriores, as tarefas nos manuais podem ser consideradas como *lição de casa* (sendo concebida como continuidade da aula e uma estratégia de instrução: repetição, revisão, aplicação, fixação, preparação, avaliação), ou ainda consideradas como *dever de casa* (justificada com bases nos aspectos morais e de criação de um sujeito produtivo e com “sucesso” escolar: responsável, autônomo, independente, pontual, com bons hábitos e capaz de uso do tempo produtivo).

Assim neste capítulo, destacarei e organizarei as prescrições do *para casa* com base nos Manuais estudados nessa pesquisa e principalmente na revista Nova Escola.

Um dos autores de manual que faz referência a relação escola-família é Theobaldo Miranda SANTOS (1951), no Manual do Professor Primário. Ele apresenta as normas das atividades do Clube de Saúde e finaliza com este comentário:

“A ação educativa da escola se estenderá aos lares, **pela criança**, já nos apelos indispensáveis de colaboração dos professores aos pais.” (SANTOS, 1951:286 grifo do autor).

Já em relação ao Círculo de Pais e Professores, SANTOS alerta:

“O círculo de pais e professores, fundado sob os auspícios da escola, tem por objetivo aproximar os pais dos alunos no sentido de **obter estreita colaboração** com a escola em matéria de educação” (SANTOS; 1951:295 grifos meus).

Da forma como foi colocado pelo autor, subtende-se que a função da escola seria estender-se aos lares, porém, mais adiante cita em seu texto Fernando Azevedo, explicitando qual sua posição:

Se a educação tem por fim o melhoramento da comunidade, do **ponto de vista da saúde, do trabalho, das relações sociais, e do recreio, não pode prescindir da colaboração da família**, de que se deve aproximar, já para influir sobre ela, já para lhe dar oportunidade direta na obra da educação. Não é possível realizar um plano de educação integral, sem o ‘entendimento contínuo e sistemático’, **entre os professores e os pais de alunos. Todo esforço educativo se anularia ou se reduziria**, nos seus efeitos, se a escola se desinteressasse no meio social em que o aluno vive

a maior parte de sua vida. (AZEVEDO apud. SANTOS, 1951:321)
(grifo meu)

No manual de 1951 SANTOS afirma que a ação educativa da escola se estenderá a família pela criança, já em 1967, trata-se de libertar a criança da família.

“Escola Primária: A finalidade maior, é alargar o círculo de relações da criança, ‘libertando-a do círculo afetivo da família’, por vezes estreito que se fecha sobre ela.” (1967:62).

Assim acredito que Theobaldo M. SANTOS ao enfatizar que a **“ação educativa da escola se estenderá aos lares pela criança”** (citando Fernando Azevedo para justificar sua intenção) está compartilhando os discursos desqualificadores da família. No entanto, o sentido que a *tarefa de casa* adquire nas passagens de autores desse período, quando trata de organização da aula soa um pouco diferente.

Theobaldo Miranda SANTOS explicita sua relação positiva com o *para casa*, creditando a ela uma possibilidade de intervenção. No entanto, o qualificado para educar é o professor (usado no masculino em todos os textos) e não a família. Esta pode e deve cooperar com a escola organizando no seu interior um espaço-tempo para que a criança/aluno se eduque, desenvolvendo a “responsabilidade”, a “autonomia”, a “independência” ou a “aplicação e a fixação”. Dessa forma, a família desqualificada é chamada a auxiliar, ajudar a escola, esta a responsável em educar.

Outro manual, no qual aparece o professor como orientador e não a família é na 9ª edição de manual de NÉRICE (1983):

(...) A função orientadora não permite mais que o professor se desincumba de suas aulas e se desligue dos alunos. Pelo contrário, o trabalho de orientação se processa mais eficientemente fora das horas de aula, quando o professor pode manter contato pessoal com cada aluno separadamente, em função da situação de vida de cada um deles.¹⁹
(NÉRICE, 1983)

Assim, a função orientadora do professor vem aumentando de importância e tornando-se cada vez mais indispensável.

No meados dos oitenta a Didática é repensada criticamente, houve um decréscimo nas publicações das edições dos Manuais de Didática, e cresce a publicação das revistas para professores/as em especial artigos sobre a relação da escola com a família. Esse aumento das publicações de textos sobre a temática é paralelo ao aumento das revistas periódicas destinadas aos/às professores/as do Ensino Fundamental: Revista

¹⁹ NÉRICE, Imídeo Giuseppe - Didática geral dinâmica 9ed. São Paulo. Ed. Atlas, 1983.

AMAE Educando, Revista Professor, Revista Nova Escola, etc., que também coincidem com o repensar da Didática.

Optei por utilizar a revista Nova Escola como material deste trabalho por ter apresentado maiores indícios da relação família – escola do que os manuais.

Constatou-se, nos oito textos publicados²⁰ a respeito do assunto tratado, não é feito um questionamento da atividade tarefas de casa ou de suas implicações, pelo contrário, essa é reforçada aos/as professores/as como legítima e necessária, apenas sugerindo modificações na forma para a sua otimização.

É possível notar nessas oito publicações uma mudança do foco da prescrição às professoras. Passa-se de uma pequena reportagem como sugestão para que a professora conheça melhor as condições familiares dos alunos (interferentes na aprendizagem) e os “perfis” dos pais para que estes possam “cooperar com o trabalho da escola”; indo para reportagens que sugerem uma relação entre os deveres de casa e a autonomia, o rendimento escolar, a criação da responsabilidade, o reforço, a solução para o fracasso na alfabetização, com um aumento na prescrição para que as professoras cuidem com mais atenção desta atividade que estende a escola a casa; até a última publicação, a n.º 122 em que se reforça a necessidade e a eficiência dos deveres na aprendizagem escolar.

A relação escola-família podem ser observada nesta matéria da revista NE 122:

Cabe a eles (os pais) dar as condições para que os filhos trabalhem com eficiência. (p.12)

Diga aos pais: A tarefa de casa é do aluno. (p.12).

Serve como uma eficiente “ponte” entre a escola e a família. (p. 8).

“Os pais, mesmo sendo analfabetos, deveriam olhar diariamente os cadernos dos filhos”. (Profª. Fund. p. 9)

A revista NE 122 trata a tarefa como uma atividade para todos os grupos sociais, mas a imagem de aluno (a), perante a professora, muda de acordo com sua classe social.

Nestes textos há uma permanência da idéia de que a escola brasileira como unitária e a imagem de que a família pobre é menos capaz de “acompanhar” seus filhos nas atividades escolares. A reportagem parece dizer que todas as classes sociais estão fazendo dever de casa, então há uma unidade, a escola é unitária, é única, é para todos.

Para uma aluna pobre: diz-se que precisa de um adulto, a mãe, com pouca instrução ou instruída para acompanhar o filho (a) porque não lhe é atribuída a capacidade de fazer sozinho ou em grupo. Mas, não se trata de qualquer “ajuda” que os

²⁰ Revista Nova Escola edições: 2, 6, 14, 17, 21, 22, 77, 96, 122, do período entre abril/1986 e maio/1999.

pais possam prestar. A mãe, ou o pai também tem que ser orientado, em reunião. A tutela é da escola. Porém para fazer a mesma tarefa a professora da classe média alta acredita que os alunos se virem sozinhos.

Nesta reportagem, quando se trata da classe média alta, a figura da mãe ou dos pais não aparece representada. Não é por que os meninos não precisam de ajuda, mas a imagem deles é outra. Os alunos sozinhos são capazes de se virar, em nome do fato da mãe ser ocupada, a mãe nem aparece.

A escola faz uma imagem que estas crianças são capazes de realizar tarefas independente de ajuda, mesmo diante dos relatos atuais de mães fazendo tarefas para os filhos, orientando, pesquisando por eles e com eles, recorrendo a aulas particulares, reforço e apoio psicopedagógico.

A capacidade, nesta reportagem, não está atribuída ao aluno de fazer a tarefa, mas a capacidade é da categoria alunos.

No exemplo da aluna Luzia, não é atribuída a capacidade de fazer o exercício sozinha. Ela precisa de uma segunda ajuda, a da mãe, a mãe não pode, então a professora orienta-a. Aqui, a imagem de criança/aluno é diferente. E assim temos uma intervenção muito maior da escola na família de classe popular.

Ao orientar os pais para que estes orientarem os filhos a escola não enxerga esses alunos como capazes de fazer as tarefas de casa sozinhos ou com os colegas. No entanto, eles têm que fazer a tarefa, isso ajuda a manter uma ideologia da igualdade.

Na Revista pôde-se encontrar uma ponte com as prescrições de não se dar tarefas de casa para a criança pobre, porque a família não é qualificada para ajudar. Agora vem, nesta revista: Dê tarefas de casa, mas oriente a como não fazer e como fazer. No entanto a idéia é a mesma. Só muda é a atitude, a estratégia da escola. A estratégia da prescrição do trabalho do professor é que muda, porque mandando ou não para a classe pobre, continua a imagem que a classe pobre não tem capacidade, é inadequada ao saber escolar. A imagem de que não só o aluno é incapaz, mas a família é incapaz.

É outro movimento da imagem da escola intervindo nas classes populares. Assim apesar da atividade ser a mesma: o para casa, no movimento dos espaços público-privados, têm efeitos e repercussões muito diferentes.

A lição de casa pode ser uma das formas da relação família escola, num contexto em que a escola e as instituições mais controláveis, se espraiam para as instituições que ainda não estão absolutamente sobre o controle do Estado: que é a família. Nessa

relação encontra-se um dos modos de justificar ideologicamente a construção dessa relação via lição de casa. Sai da esfera pública e passa para a esfera privada.

Gostaria de salientar que na reportagem/matéria da revista Nova Escola 122, aparece um discurso predominantemente narrativo, com sugestões, prescrições indiretas, do tipo “siga o modelo da professora tal” ou prescrições diretas, duras. As únicas três perguntas que aparecem na matéria da NE122 de 1999 são as seguintes: Primeira “Você já pensou por que dá lição de casa aos seus alunos?” (p.8) com a qual é aberta a reportagem. Segunda, “Quanto tempo o aluno deve dedicar aos estudos depois que volta da escola?” (p.11) que lida com o tempo e finalmente, “Deitado pode?” (p.12).

Nessa última uma professora narra como orienta os seus alunos para que estes “escolham” uma postura para fazer a atividade: “A função do professor é ajudar o aluno a refletir. Muitos adolescentes fazem à lição deitados e reclamam de dores nas costas’. Em vez de dizer a eles que o certo é fazer a tarefa sobre a mesa, peça que experimentem as duas maneiras e respondam: é mais confortável escrever sentado ou deitado? De que maneira o trabalho ficou melhor? ‘Assim, cada um poderá concluir, por si só, se o jeito que escolheu é o mais eficiente” (Psicóloga e professora, NE 122, 1999: 12)

Estaria sugerindo ao propor organização do material, do ambiente e do tempo doméstico que a professora orientasse uma certa ordem moral doméstica?

Fico a pensar se estando diante de um dever, dever de casa, não estaríamos também diante de um currículo moral. Um currículo em que se torna moral cumprir o dever, uma obrigação interiorizada. O Bom e o Mau. O “bom aluno” e o “mau aluno”. O “Bom aluno” apesar de não gostar do que está fazendo, ele está ciente que é “necessário” fazê-lo. É um dever fazê-lo. Como se fosse imoral deixar de fazer o dever e não gastar o tempo apropriadamente, deixando-o apenas passar.

Esta temática da relação escola-família, também vem sendo discutida por diversos materiais periódicos atuais, reporto-me a eles neste presente trabalho.

A Revista Isto É, publicou uma reportagem “Mitos da lição de casa”, por Lena Castellon, que traz uma série de depoimentos de profissionais da área da educação.

Uma delas é Nilce da Silva, professora da Faculdade de Educação da USP, ela declara que: ver o jogo de empurra diante do conhecimento a entristece. “Há professores que passam o dever de ensinar para os pais, que o devolvem para a escola. Os alunos refletem esse descompromisso e também querem delegar para alguém a lição, seja para os irmãos, seja para a internet”. (Revista isto é on-line 20/09/2006)

Não raro encontram-se professores que acreditam que a tarefa de casa constitua obrigação e problema a ser resolvido por alunos e pais, pelo fato de realizar-se fora da sala de aula.

É bastante comum que as crianças peçam ajuda aos pais para realizar essa tarefa - especialmente os menores. Muitas crianças ainda não se sentem completamente seguras para realizar as lições sozinhas, outras podem ter dificuldade com um ou outro tópico do currículo escolar. O fato é que ficam mais tranquilos quando podem contar com o apoio dos pais.

Alguns pais acreditam que podem acabar atrapalhando o aprendizado dos filhos, já que seu método de ensino pode ser diferente daquele aplicado pela escola, ou temem acabar fazendo o dever pela criança.

Para algumas mães o pedido de acompanhamento nas lições trazia uma sensação de impotência e culpa por não conseguir em ensinar e ajudar os filhos/as que, na maioria dos casos, não estavam tendo o êxito desejado. Do outro lado estão as famílias que fazem questão de participar da vida escolar dos filhos, inclusive sentando-se junto deles na hora da tarefa de casa.

Muitos educadores e psicólogos acreditam que os pais podem, sim, participar das tarefas que a escola manda para casa sem interferir no aprendizado dos filhos. Tudo depende da maneira como os pais ajudam. É consenso que não se deve tentar assumir o papel dos professores e muito menos realizar a tarefa dos filhos por impaciência. O que eles podem fazer é orientar e ajudar a criança a desenvolver o gosto pelos estudos, orientá-los em como realizar as atividades.

Naércio Menezes Filho, da Usp e do Ibmecc- Sp, a pedido do Jornal Folha de SP (28/05/07- caderno cotidiano) fez uma pesquisa utilizando os dados do Saeb (exame do Ministério da Educação que avalia a qualidade do ensino), e identificou que criança que sempre recebe ajuda dos pais na lição de casa tem desempenho inferior.

Na avaliação de Menezes, os dados mostram que a ajuda na lição de casa ou a cobrança por notas têm efeito negativo e alegam que os pais, especialmente na escola particular, podem estar exagerando na dose.

“A presença da família é um elemento importantíssimo, mas esses dados podem estar mostrando que os pais, em vez de orientar, estão fazendo a lição de casa pelo filho, quando sabemos que o fato de o aluno fazer o dever aumenta a proficiência. No caso da cobrança por boas notas, isso pode se transformar num desestímulo.” (MENEZES, 2007)

Independente da característica da instituição é certo que a expectativa dos pais para com a escola é de que seus filhos sejam educados para serem cidadãos criativos, participativos e consciente de seus direitos e deveres.

Interferir não é um mal, desde que o adulto se coloque ao lado para estimular, não para dar respostas. Quando os pais começam a interferirem demais nos trabalhos, eles prejudicam o desenvolvimento da autonomia das crianças. É importante que os pais não interfiram demais nas lições e controlem a vontade de apagar a lição, pois ao fazer isso o professor fica alheio a eventuais dúvidas e dificuldades enfrentadas pelas crianças em relação ao conteúdo que seria útil no rendimento da prática pedagógica visando melhoria na qualidade de ensino.

Ainda na reportagem da Folha, o educador Mauro Aguiar, diretor presidente de um colégio particular, de São Paulo, afirma “No caso das particulares, realmente é muito comum os pais ajudarem demais o filho, que acaba não adquirindo autonomia. E achamos péssimo a figura do professor particular. O aluno fica viciado nessa ajuda e não presta atenção na aula, pois sabe que depois terá alguém para explicar a lição de casa para ele.”

Regina Canedo, diretora de um colégio particular, do RJ, também sugere evitar professores particulares. Sobre o fato de os alunos cujos pais cobram boas notas terem desempenho pior, ela diz que cobrança não pode ser confundida com ameaça. “Terrorismo não funciona. É claro que os pais têm que colocar um limite, mas o mais importante é fazer com que os filhos estabeleçam uma rotina de estudos.”

Já Patrícia Lins e Silva, também diretora de uma instituição particular, do RJ, dá um exemplo para diferenciar os pais que cobram excessivamente dos que se fazem presentes sem ameaçar “Em vez de perguntar somente se o filho fez lição ou qual nota tirou na prova, pais que valorizam a educação querem saber também o que a criança aprendeu naquele dia, o que ela achou interessante na escola. Essa criança acabará fazendo o dever de casa sem que ninguém precise cobrar”.

Pais que sabem o que seus filhos estudam na escola podem ainda facilitar a generalização de como os conceitos aprendidos aparecem nos fatos do dia a dia. Assim, mais uma vez, o conhecimento será visto como uma ferramenta para interpretar o mundo.

Pais podem, e devem estimular os filhos desde pequenos a se interessarem por diferentes aspectos da vida nas mais diferentes situações. Há incontáveis maneiras de se fazer isso: os assuntos conversados à mesa no jantar, uma viagem de lazer, em

programas culturais (teatro, museus, cinema, ou mesmo TV), a discussão de idéias, a valorização do posicionamento do filho a respeito de um assunto. Esta relação constrói, na criança, a concepção de que aprender é estimulante e não precisa ser enfadonho ou simplesmente uma obrigação.

Wagner Sanchez, diretor e coordenador pedagógico do colégio Módulo, de SP, ressalta que o acompanhamento dos pais é importante e deve ser completo, incluindo elogios, broncas, exemplo, disciplina, confiança e decisões em conjunto.

Educar os filhos é muito mais do que ensinar bons modos, é também fazer parte da vida escolar deles, inclusive ensinando-os o que não aprenderam na escola. Portanto, acredito que os familiares devem ajudar seus filhos a pesquisarem, a escrever textos, a se organizarem em suas obrigações e a ampliarem seus repertórios para além do que foi pedido ou para além dos materiais utilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar esta pesquisa tinha como objetivo encontrar indícios de onde e que período a lição de casa teria surgido, porém entre os levantamentos bibliográficos e discussões com profissionais da área de história vi o quanto seria ingênuo permanecer com esta idéia.

Não há relevância sobre o período que surgiu esta prática, mas sim, como esta prática vem sendo dita aos profissionais da área da educação e como ela tem interferido na sociedade.

A pesquisa identificou documentos que relatam as prescrições a respeito das tarefas e deveres de casa. Os materiais utilizados foram editados predominantemente entre a década de 50 até meados de 80, e o artigo da revista Nova Escola da década de 90.

Apesar de um período de 40 anos, há uma permanência em relação às prescrições, o que mudou foi apenas a justificativa da existência da lição de casa como tendo ou não valor pedagógico.

Ao compreender as justificativas e as prescrições ditas as professoras observo que foi sendo construído uma legitimidade da atividade, isto é, as tarefas são hoje consideradas atividades escolares legítimas, que passaram por um processo de naturalização. O que parece existir hoje é o apenas “passar a lição de casa” e não um questionamento sobre a relevância da atividade.

Analisando o discurso da revista Nova Escola conclui que este periódico defende a utilização da lição de casa, e a consideram como uma extensão da escola, da sala de aula e que todos os alunos tem um tempo livre para essa prática.

Em todos os momentos na revista a lição de casa é tratada como uma atividade que apenas têm vantagens. As desvantagens que eventuais lições possam ter para o desenvolvimento acadêmico, não são listadas. Pelo contrário, elas se transformam em mais prescrições, “façam assim para não sair errado”. Na leitura desses textos fica implícito que se desvantagens possam vir a existir é por culpa do professor, que não tomou os devidos cuidados, com o planejamento, a correção, etc.

Pude ainda refletir neste trabalho que as prescrições sobre lições, deveres e tarefas mesmo que aparentemente não faça parte da formação docente documentada, tem constituído o currículo em ação de nossas histórias de formação.

Acredito que as tarefas de casa tem que ser repensadas e reestruturadas de forma a conquistar o interesse e a curiosidade das crianças em fazê-la.

Face ao atual contexto educacional brasileiro, estou ciente de que por ora é difícil pensar na escola de hoje sem prática da tarefa de casa. Esta ainda faz parte do cotidiano escolar.

O que é preciso é discutir e refletir é sobre qualidade, validade e propriedade de tal prática educativa e as circunstâncias atuais do contexto social vigente, que vêm refletindo, sobremaneira, em tal prática. É preciso, redimensiona-la e repensá-la. Caso contrário, será mais educativo suprimi-la do contexto da realidade educacional brasileira.

É necessário que os educadores, em face de tantos desabafos e de tantas aprendizagens feitas com as crianças, os alunos, redimensionem a prática da tarefa de casa, a fim de que seja um momento educativo, de real aprendizagem e ainda repleto de prazer e alegria.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ASSIS, Fátima Regina Pires de. *Lição de casa: um estudo exploratório sobre as condições e conseqüências de sua elaboração, em crianças da 1ª Série do 1ª Grau*. São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- COMÊNIO. João Amós. *Didáctica Magna; Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. 3ª ed. Trad. Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Calouste. 1957.
- COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A Revista Nova Escola e a constituição de identidades femininas. In.: BRUSCHINI, Cristina, HOLANDA, Heloísa Buarque. *Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 1998, 456p.
- DUSSEL, Inês CARUSO, Marcelo – A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar. Editora Moderna, Sp, 2003.
- FONTOURA, Afro do Amaral. *Didática Geral*. 13ª, 1968. Aurora . RJ.
_____. *Prática de Ensino*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Aurora, 1966. P.406. (1ª1960)
- MATTOS, Luiz Alves de. *Sumário de Didática Geral*. 4a. ed., Rio de Janeiro: Aurora, 1964.
- NÉRICE, Imídeo, *Introdução à Didática Geral*. RJ: Fundo de Cultura. 1960
_____. *Didática Geral Dinâmica*. São Paulo: Atlas, 1961
_____. *Didática geral dinâmica* 9ed. São Paulo. Ed. Atlas, 1983
_____. *Didática: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1986.
- NOGUEIRA, Martha Guanães. *Tarefas de Casa – Uma violência consentida?* Marília, 1998, 335p. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista/UNESP-Marília.
- PENTAGNA, Romanda Gonçalves. *Didática Geral*. RJ: Freitas Bastos, 1964
_____. *Didática Geral*. Rio de Janeiro; Freitas Bastos, 1982. Edição enriquecida de novos assuntos, atualizada e refundida. 3º volume
- PAULA, Flávia Anastácio de. *Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras*. SP, 2000. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- SANTOS, Theobaldo Miranda. *Manual do Professor Primário*. 2ªed. SP: 1951
_____. *Manual do Professor Primário*. 7ªed revista e atualizada. SP: Nacional. 1966.
_____. *Noções de Didática Geral*. 4a. ed. São Paulo: Nacional, 1967.
- WIEZZEL, Andréia Cristiane Silva. *Lição de Casa: reprodução ou construção do conhecimento escolar?* Marília, 1999, 121p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências/Universidade Estadual Paulista–Marília.

Anexo: Reportagem na Revista Nova Escola

A revista do ensino fundamental

Site: www.novaescola.com.br

ANO XIV - N.º 122 - MAIO DE 2002

Lição de casa funciona?

Sem dúvida!
Veja como
fazer bom
proveito dessa
tradicional
ferramenta e, de
quebra, motivar
a garotada

00122
R\$4,00/03-0116



LIÇÕES EXTRAÍDAS DA ROTINA

A atividade em sala de aula exige dos professores a repetição de algumas tarefas que, com o tempo, correm o risco de serem cumpridas de uma maneira mecânica, rotineira. Passa-se então a prestar pouca atenção nelas perdendo-se, assim, o potencial renovador e dinâmico que tem toda ação escolar. É isso que costuma acontecer com os exercícios indicados para os alunos fazerem em casa. A lição de casa muitas vezes costuma limitar-se a uma revisão do que foi visto em classe. É pouco. Convencidos de que a educação não se limita às quatro horas em que permanecem na escola, seus

alunos podem se envolver muito mais com as suas aulas, ler mais, aprender a pesquisar e aproximar a família da sua vida escolar. Fico satisfeita quando nós, de NOVA ESCOLA, conseguimos garimpar novos olhares e abordagens inesperadas das atividades que fazem parte do dia-a-dia profissional dos nossos leitores. Caso consigamos tornar, por pouco que seja, mais clara e proveitosa a tarefa de ensinar, todo nosso esforço terá valido a pena. Chamo ainda sua atenção para a segunda edição do Prêmio Victor Civilia Professor Nota 10. Estamos publicando o Roteiro e a Ficha de Identificação. As inscrições acontecem no mês de junho. Não perca a oportunidade de divulgar suas experiências de sucesso.

Elizabeth de Fiore
Diretora de Redação

ESCOLA

Para conversar com os jornalistas, disque
0800-112055 (ligação gratuita)

Nosso e-mail é
novaescola@email.abril.com.br

O endereço de nossa página na Internet é
http://www.novaescola.com.br

Se preferir, envie um fax para
(011) 3037-4322

Mande cartas para
Redação de Nova Escola

Av. das Nações Unidas, 7221, 20º andar,
Pinheiros, São Paulo, SP. CEP 05425-902

NOVA ESCOLA-MAIO 1999

Depoimento

5 O corpo também precisa de alfabetização

Reportagem de capa

8 Seus alunos podem adorar o dever de casa

Educação Infantil

16 Iniciação musical rima com brincadeira



Donival Moraes
Construção de instrumentos para chegar à essência do som

Interdisciplinaridade

22 Misturar matérias: essa receita pode dar certo

Brincando

26 A justa medida de cada coisa

Internet

27 Tudo sobre o nosso site na Grande Rede

Era uma vez

28 No espelho, a verdade de cada um

Educação Ambiental

31 Ozônio bom é ozônio à distância

Sucata

34 Jogos e brinquedos que nascem do entulho

História

37 No tabuleiro, passado e presente se encontram

Deu Certo

40 Escola rural dá banho de competência

Matemática

44 A solução na origem das palavras



Dez e seis: dá para ver como nasceu o "dezesesseis"

Com Certeza

47 Vá para a cozinha ensinar Ciências

Mural

50 Criança também entende de direitos

Livros

52 Cada pessoa tem seu jeito de ser

Obrigado, Professora

54 Scliar: mãe que também era professora

Capa: Foto de Alexandra Marchetti

OBA, LIÇÃO DE CASA!

Sim, sua turma vai gostar de fazer o trabalho de casa e você ficará feliz ao ver que com ele sua aula vai render mais. Veja como isso é possível

POR DENISE PELLEGRINI

Você já pensou por que dá lição de casa aos seus alunos? Muitas vezes o "para casa" é passado à classe como uma tradição escolar, sem considerar se é útil ou não para o aprendizado. A verdade é que a tarefa pode multiplicar o rendimento das suas aulas. Melhor ainda, ela serve como uma eficiente "ponte" entre a escola e a família dos estudantes. Mas é preciso ter alguns cuidados. "A lição de casa só contribui de maneira eficiente para a aprendizagem se for bem planejada", avisa Stela Piconez, professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Assim não adianta

Lições que repetem exercícios dados em classe ou que tratam de matéria ainda não explicada pelo professor desmotivam o aluno. O desânimo é ainda maior quando, ao entregar seu trabalho, a criança ganha um visto e ponto final. "A tarefa precisa de uma continuidade, caso contrário, perde o sentido", defende Stela. Acompanhe, nas páginas a seguir, a experiência de oito professores e o que aconselham os especialistas.



Luzia e a mãe, Maria do Carmo: lição de casa feita sobre caixotes de tomate.

TODO MUNDO IGUAL

Providencie o material para seus alunos fazerem a tarefa

Antes de passar as primeiras lições de casa, procure saber se os estudantes têm um local adequado para escrever e guardar seu material e se possuem livros e revistas para consulta. "O professor que conhece as condições que seus alunos têm em casa não pede trabalhos que estejam fora de seu alcance", afirma a

professora Stela Piconez.

"Se uma criança é julgada como menos competente do que aquela que fez a tarefa impecável, está sendo discriminada e a lição, ao invés de ajudá-la, está causando danos à sua auto-estima", completa. Evite situações como essa retirando livros na biblioteca escolar, por exemplo, e entregando aos alunos quando pedir uma pesquisa.

Professora em domicílio



Maria Isabel (à esq.) vai à casa de Luzia: alunos conhecem a periferia

A professora Maria Isabel Marques, da Escola Municipal Maria José Rios, de Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, costuma visitar a casa de seus alunos na zona rural, na periferia e no centro da cidade. "Enquanto as crianças conhecem diferentes regiões do município, eu verifico o nível socioeconômico da turma." A aluna Luzia do Carmo ela ensinou: "Com caixotes de tomate você pode fazer uma escrivaninha para guardar o material e fazer sua lição de casa".

As aventuras de Lais



Maria Isabel orienta os pais de Lais: com a filha, aprenderam a usar o material dourado

A primeira lição é para os pais

Uma das primeiras providências de Maria Isabel para planejar bem as lições de casa de sua turma de Ciclo Básico, no ano passado, foi convocar uma reunião de pais. Às famílias, a professora recomendou ajudar a criança a se organizar e valorizar suas atividades. "Disse aos pais que, mesmo sendo analfabetos, deveriam olhar diariamente os cadernos dos filhos", conta. "O interesse dos

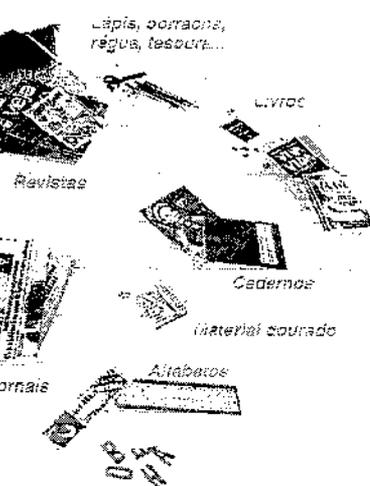
pais pelas coisas que as crianças produzem funciona como um grande incentivo", considera Maria Isabel. A professora expôs também os objetivos das tarefas e mostrou aos pais diferentes materiais que seriam usados pelos estudantes durante as tarefas. "Nós até aprendemos com a Lais um jeito diferente de fazer conta com esse material dourado", lembra a mãe da aluna, Maria Helena Venturini.

O segredo está na caixa

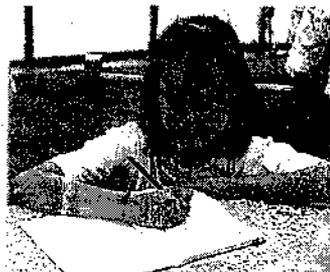


Lais separa o material: tudo o que precisa está guardado em sua caixinha

Lais, como todos os alunos de Maria Isabel, possuía em classe uma caixa onde guardava seu material escolar. Para que todos tivessem a caixa completa, a professora organizou uma campanha de doação na cidade. Os alunos levavam para casa tudo aquilo que seria necessário para realizar as lições daquele dia. "É obrigação do professor dar condições para que todos os alunos possam fazer sua tarefa", afirma.



Dever na hora certa



Lais em casa: lição sem ajuda

Maria Isabel propôs que, de acordo com a rotina de cada família, fosse estipulado um horário para a criança fazer sua lição de casa. Ela acredita que cabe à professora e aos pais, juntos, tornar as crianças capazes de assumir responsabilidades. "Mas isso tem que ser feito aos poucos." A tarefa, segundo ela, é uma ótima oportunidade para a criança refletir e produzir sozinha. "Não fico perguntando nada pra minha mãe", informa a aluna Lais.

Correção é fundamental



De olho no caderno: avaliação

Depois de olhar o caderno de Lais e de seus colegas, Maria Isabel fazia a correção coletiva das tarefas. Nesse momento, as crianças que apresentavam mais erros sentavam-se com os já alfabetizados. Esses ajudavam os colegas a completar os exercícios. "Para cada grupo dava uma lição diferenciada, explorando suas potencialidades e o seu conhecimento", conta. A lição é mais uma maneira de avaliar a aprendizagem da turma. "Quando a criança não está aprendendo, procuro rever meu trabalho."

Reportagem de Capa

É PRECISO UM PORQUÊ

Toda tarefa necessita de um objetivo, que se cumpre no dia da entrega

Tarefa eficaz é aquela que tem uma intenção clara, tanto para o professor que a pede, quanto para o aluno que a executa. De acordo com Stela Piconez, a lição de casa pode servir, por exemplo, para desenvolver habilidades de pesquisa, introduzir novos conteúdos, avaliar a aprendizagem da turma, recuperar estudantes em defasagem. É o que

é mais comum: sintetizar conhecimentos veiculados em sala. "Em todos esses casos, os alunos devem estar cientes do que o professor pretende com aquilo", completa Stela.

Capriche nas instruções

A hora de passar a tarefa é tão importante quanto qualquer outro momento da aula. "Não deixe para determinar o que deverá ser feito em casa nos últimos minutos, quando os alunos já estão alvoroçados", recomenda a professora Stela. Quando eles saem da classe sabem-

do o que deve ser feito e não necessitam de ajuda. Mas não é nem por isso a tarefa feita sem tirar os exercícios feitos em sala.

Retorne a atividade em sala de aula e discuta com a turma. "Somente quando o professor faz uso da lição de casa em classe, ele percebe a utilidade e importância do trabalho de cada um dos alunos. "Se olhar cerca de duas semanas o progresso de uma visão da tarefa em classe", ensina Stela.

Vamos fazer um livro?

A professora de Português Jane de Souza, da Escola Municipal Marcílio Goulart Loureiro, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, lançou um desafio aos seus alunos de 6ª série: escrever textos sobre suas vidas e sua comunidade para serem publicados num livro! A atividade, ela avisou, seria desenvolvida principalmente em casa. "A participação dos pais era fundamental e o tempo da aula seria utilizado para melhorar os textos", conta Jane. Os alunos se empenharam como nunca e foram recompensados. Junto com os colegas da Escola Municipal Professor Gilberto Jorge Gonçalves da Silva, também de Porto Alegre, eles se tornaram autores do livro *Mapas da Cidade: Autoria, Identidade e Cidadania*, lançado em abril último pela Editora Vozes. Para a

professora Ana Cláudia Zatti, o trabalho foi um divisor de águas. "A proposta era significativa e entusiasmou os alunos."



A aluna Sara Santana entrevista a mãe e avó de seu nome para virar tema de redação

Começa em casa e termina na escola

Os primeiros textos pedidos como tarefa de casa tiveram como tema o nome e a família do aluno. "Tive que ser tolerante com atrasos, já que algumas famílias eram completamente desestruturadas", lembra Jane. Eram os pais que deveriam contar aos filhos como seu nome tinha sido escolhido, por exemplo, mas muitos alunos moravam com avós ou padrinhos. "E eu não podia penalizá-los por isso." Em classe, segundo a professora, as lições sempre tinham continuidade. "As primeiras redações eram confusas, não tinham pontuação e parágrafo e apresentavam erros de concordância", lembra. Os textos foram reescritos até que ficaram prontos para publicação.

Meu nome foi minha mãe quem escolheu. Minha mãe conheceu na faculdade uma amiga chamada Soraya.



A professora Jane e os alunos trabalham para aprimorar os textos

NOVA ESCOLA

A comunidade é o tema

Outro trabalho proposto por Jane, as redações descrevendo sua casa e a comunidade, representou um desafio para os alunos. Eles tinham que contar porque gostavam ou não do lugar onde moravam. "Queríamos que falassem não só dos seus problemas, mas que valorizassem as coisas boas de seu bairro", diz a professora. Ao pedir que os estudantes falassem sobre temas significativos para eles, Jane conseguiu envolver as turmas. Mesmo com dificuldades em casa, os estudantes traziam os textos para a classe sem maiores cobranças. "Quando a gente consegue criar motivação real, os alunos fazem a lição até debaixo da árvore."



O futebol, na rua e na quadra da escola: diversão da comunidade

QUANTIDADE X QUALIDADE

Mais importante que o tempo gasto na lição é o tipo de atividade solicitada pelo professor

A quantidade de lição de casa preocupa os professores e também os familiares. Afinal, quanto tempo o aluno deve dedicar aos estudos depois que volta da escola? "Mais importante que a quantidade de lição é sua qualidade e o sentido que faz para o aluno", afirma Lúcia Vinci, coordenadora da Escola Móvel, da capital paulista. Por conta da polêmica que a questão volta e meia provocava nas reuniões de pais, a escola fez uma pesquisa sobre o tema.

Na medida

Os resultados mostraram que não havia exageros: 63% dos alunos de 3ª série, por exemplo, gastavam 30 minutos nas tarefas, enquanto 44% dos estudantes de 7ª série a faziam em uma hora.

Quando foram aplicadas as provas do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, em 1996, alunos de 3ª e 7ª séries responderam dedicar às tarefas de casa um período não muito diferente: 50%

deles gastavam entre meia hora e uma hora nessas atividades.

A quantidade e o tipo de lição de casa devem ser determinados pelo professor, de acordo com seu projeto e com o nível de seus alunos. Para as turmas de 5ª a 8ª série, essa quantidade é difícil de ser controlada, já que elas têm vários professores trabalhando de forma isolada.

Para resolver a questão, Teresa Tavares, supervisora de 5ª a 8ª série do Colégio Cramer, de Belo Horizonte, Minas Gerais, instituiu na escola uma alternativa simples. Ao lado do quadro negro foi colado um pequeno calendário (à dir.). "Os professores marcam ali o dia para entrega das tarefas de casa mais elaboradas, como pesquisas, cartazes e leituras de livros, além das avaliações", conta. "Se vejo que já há uma atividade de Matemática para determinado dia, marco outra data para que minha pesquisa seja entregue", diz o professor de Ciências Patrício de Oliveira. "Quando não estão sobrecarregados, os alunos têm um rendimento melhor."

Eu adoro aqueles fins de semana e feriados que eu e meus amigos e amigos nos reunimos para jogar futebol...

MARÇO	
1	16 - Castor da Cereias
2	17
3	18
4	19
5	20 sábado
6 sábado	21 domingo
7 domingo	22
8	23 Avaliação de Português
9	24
10	25 Trabalho de História
11 Encaminhado mat. pag. 17 e 18	26
12	27 sábado
13 sábado	28 domingo
14 domingo	29
15 Avaliação de Português	30
	31

DIGA AOS PAIS: "A TAREFA DE CASA É DO ALUNO"

Cabe a eles dar as condições para que os filhos trabalhem com eficiência

Quando o assunto é lição de casa, os pais mais interessados sempre querem saber como ajudar os filhos. De acordo com a professora Zélia Maria Biasoli Alves, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em Ribeirão Preto (SP), é preciso enfatizar para os pais que a tarefa é responsabilidade do aluno. "A família cabe dar condições para que ele desenvolva seu trabalho", diz Zé-

lia. Isso inclui estabelecer um horário para o estudo, reservar um lugar tranquilo e deixar à mão todo o material necessário.

Alunos independentes

Diga aos pais que, providenciada a infra-estrutura, não é necessário nem mesmo ler enunciados de problemas. Isso, de acordo com Zélia, se seus alunos saírem da escola com toda a tarefa explicada. "Espera-se que a criança se torne um leitor independente, portanto não faz sentido ler textos simples para ela", diz

Zélia. No caso de pedidas, os pais podem fazer o filho a buscar ele mesmo a informação, nos seus livros ou em enciclopédias.

Se o estudante não quiser fazer a tarefa, no entanto, o professor deve ser informado. Quando o aluno não faz a lição, cabe aos pais de que ele sofrerá as consequências na escola. Ele vai perceber que, quando as lições são dadas em classe, ele não tem condições de participar.

Mãe, o Rodrigo não fez a lição ontem. O que fazer?

Profa Ana.



A professora Valéria e os alunos da pré-escola: como fazer a tarefa?

DEITADO PODE?

Descubra com os estudantes como cada um pode render mais

Não há dúvida de que é improdutivo parar a tarefa a toda hora para visitar a geladeira ou falar ao telefone. Mas como convencer seus alunos disso? "Reserve uma aula para discutir com sua turma como deve ser feita a tarefa de casa", ensina Adriana Machado, psicóloga do

serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP em São Paulo.

"A função do professor é ajudar o aluno a refletir", diz Adriana. "Muitos adolescentes fazem a lição deitados e reclamam de dores nas costas", cita. Em vez de dizer a eles que o certo é fazer a tarefa sobre uma mesa, peça que experimentem as duas maneiras e respondam: é mais confortável escrever sentado ou deitado? De que maneira o trabalho ficou melhor? "Assim, cada um poderá concluir, por si só, se o jeito que escolheu é o mais eficiente."

Um começo suave

Na Escola Ibeji, da cidade de São Paulo, as crianças começam a familiarizar com a lição de casa na Educação Infantil. "No primeiro ano as tarefas são dadas uma vez por semana e depois vão se intensificando", conta a professora Valéria Rodrigo. Para preparar a turma, a professora faz uma reunião onde todos falam sobre o assunto. "Começo mostrando a eles a importância da lição e procuro ajudar cada um a reservar um tempo para a tarefa escolar de sua rotina", explica. Durante a reunião, a professora pergunta ainda para as crianças o que conseguem fazer sem ajuda de ninguém. Todos contam que em casa há um lugar arejado, iluminado e tranquilo para fazerem seus trabalhos. Ao conversar, combinam: "Vamos fazer a lição de casa sem interrupções como aqui na classe?"



Lista de material: alunos desenharam o que é preciso ter à mão para fazer a tarefa



Para consultar: alfabeto recortado e números pontilhados

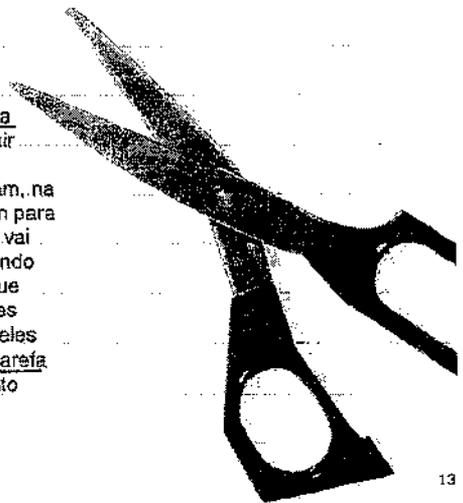
Material para consultar em casa

O assunto do primeiro "para casa" dado por Valéria foi o próprio dever! "Em classe, perguntei aos alunos o que era importante ter à mão na hora da tarefa", conta Valéria. Os alunos lembraram dos objetos e a professora escreveu os nomes no quadro negro. O passo seguinte foi copiar a lista numa folha. "Em casa, eles desenharam cada um dos objetos ao lado de seu nome." A segunda lição teve como tema os números de 0 a 9, que foram escritos sobre linhas pontilhadas. Em seguida, montaram um alfabeto, com letras recortadas e coladas em cartolina. "Os três trabalhos vão ficar em casa para ser consultados nas próximas lições", explica a professora. Terminados os exercícios básicos, os alunos farão uma lista com os nomes dos amigos e, depois, vão completá-la com os números de seus telefones. "Assim, quando eles tiverem dúvidas sobre a tarefa, poderão consultar seu coleguinha", diz Valéria.

Quem não fez a lição fica sem assunto

Professora da 3ª série no Ibeji, Simone Santiago retoma as regras sobre a tarefa já combinadas com os alunos nos anos anteriores. Em sua prática, ela sempre inclui lições que serão usadas durante as aulas seguintes. "Dessa maneira, fica clara para meus alunos a importância dos exercícios", conta. Quando Simone pede como lição de casa dois problemas de Matemática, por exemplo, a aula seguinte não vai ser dedicada apenas à correção, mas à socialização das

estratégias. "Quem não raciocinou em casa, sozinho, fica prejudicado e não pode contribuir com suas idéias para o grupo", completa. Enquanto eles mostram, na lousa, o raciocínio que utilizaram para chegar à resposta, a professora vai passando pelas carteiras e olhando os cadernos, para verificar de que maneira foi feita a lição. "As vezes percebo que a letra está ruim e eles acabam dizendo que fizeram a tarefa no carro", conta. "Nesse momento mostro que isso compromete a qualidade do trabalho."



PESQUISA É COISA SÉRIA

Antes de pedir uma pesquisa como tarefa de casa, é preciso ensinar os alunos a realizá-la

Muitos professores trocam os exercícios do livro didático por pesquisas, pensando estar propondo uma tarefa de casa melhor. Se esquecem, porém, de ensinar o aluno a executá-la. "A pesquisa é uma das melhores maneiras de se aprender", diz a escritora e orientadora educacional Ruth Rocha, autora do livro *Pesquisar e Aprender* (Scipione, 6,10 reais, tel. (011) 277-1788).

Antes de pedir uma pesquisa, explica Ruth, o professor deve conhecer seus alunos e verificar o material de que dispõem. "Cheque o acervo das bibliotecas da escola e do bairro", reco-

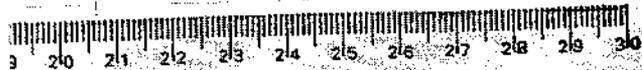
menda. Só assim, você poderá indicar com precisão a bibliografia para a turma. Escolhido o tema, limite o seu alcance. Se o assunto for amplo, como Independência do Brasil, determine apenas um aspecto a ser desenvolvido.

Resumo

Os alunos têm dificuldade para fazer sínteses. Comece indicando pequenos capítulos de livros que falem sobre o tema em estudo e peça que o resumam em vinte linhas. Outro caminho é formular perguntas. "Respondendo com suas próprias palavras, o aluno irá ao centro da questão", diz Ruth.

Em *Pesquisar e Aprender*, Ruth Rocha ensina como fazer uma boa pesquisa. Passe estas dicas a seus alunos:

- **Roteiro** – Formule perguntas sobre o tema da pesquisa.
- **Cronograma** – Estabeleça etapas de acordo com o prazo.
- **Caderno** – Anote as informações em um caderno. Folhas soltas se perdem.
- **Plano de pesquisa** – Relacione os nomes de pessoas a serem entrevistadas, além de dicionários, enciclopédias, atlas, livros didáticos, jornais e revistas que for utilizar.
- **Síntese** – Em vez de copiar trechos dos livros, escreva um texto sintetizando o assunto.
- **Apresentação** – Coloque título, nomes dos autores, índice, textos, fotos e bibliografia nos trabalhos escritos.



visitantes eram recebidos e se havia monitores. As crianças podiam desenhar ou fotografar o

que viam. As informações coletadas foram levadas para a classe e, depois de redigidos os textos e escolhidas as ilustrações, os alunos montaram um guia. "Com essa tarefa, conseguimos aproximar as famílias da escola e ensinar os alunos a realizar uma pesquisa de campo."

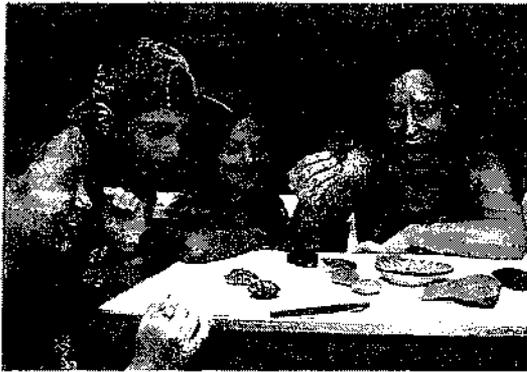


Trabalho de campo

Na Escola Móbil, da capital paulista, a tarefa de casa inclui pesquisas que, por vezes, servem de base para as próximas aulas. Trabalho dessa natureza foi realizado pelas turmas de 3ª série em Estudos Sociais. Depois de conhecerem o mapa e a economia da cidade de São Paulo, os alunos da professora Lucelena Souza Lee aprenderam que a prestação de serviços é sua atividade de maior peso. Com base na informação, a professora pediu, como lição de casa, uma pesquisa sobre os serviços de lazer paulistanos. "Queríamos desenvolver nos alunos o senso de observação", conta. Entre 60 lugares como museus e parques, pais e filhos escolheram um que seria visitado pela família. "Os alunos tinham que descobrir os atrativos e os aspectos negativos do local", conta. Eles observavam, por exemplo, como os



O Guia de Lazer da Cidade de São Paulo montado pelos alunos de Lucelena: pesquisa de campo



Rosana fala de arqueologia e a turma vai à internet: informações sobre homínidos

para os alunos. "Muitas vezes, pesquisamos juntos os assuntos vistos em aula." Para facilitar a tarefa, a professora passou um roteiro com perguntas sobre as características físicas dos homínidos, o local onde foram encontrados seus fósseis e qual seu modo de vida. Além de

Na internet e nos livros, mais informação

Durante as aulas para a 5ª série sobre a evolução do homem, a professora de História Rosana Catelli, da Escola Móbil, pediu uma pesquisa sobre homínidos. "Os alunos já tinham aprendido como são feitas as pesquisas arqueológicas e de que maneira os pesquisadores concluem a que tipo de homínido pertencem os fósseis que encontram", conta. Como lição

de casa, a professora pediu que escolhessem um homínido e descobrissem mais sobre ele. "Enquanto ensino aos alunos os procedimentos de pesquisa, eles obtêm informações que eu não daria conta de passar em classe." Junto com a bibliotecária da escola, a professora determinou o material a ser indicado aos alunos. "Eles poderiam consultar enciclopédias, livros de História e os de Ciências que falam da evolução humana", cita Rosana. A busca na internet também não era mistério

textos, os estudantes trouxeram cópias de imagens dos homínidos e montaram painéis. "Os trabalhos ficaram expostos na classe e, dessa maneira, todos tiveram acesso às informações coletadas."

Ufa! Vejam como ficou.



Painéis são produzidos em classe: a informação chega a todos

Mais informações

Adriana Machado – Av. Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco D, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-900, tel. (011) 818-4172
 Colégio Cramer – Av. Presidente Washington Luís, 247, Santa Luzia, MG, CEP 33035-310, tel. (031) 641-4981
 Escola Ibeff – R. Prof. Fonseca Rodrigues, 155, São Paulo, SP, CEP 05461-010, Tel. (011) 211-9486, e-mail ibeal@uol.com.br
 Escola Móbil – R. Araguari, 167, São Paulo, SP, CEP 04514-040, tel. (011) 536-4402, e-mail mobile@escolamobile.com.br
 Escola Marcílio Gosiart Loureiro – Rua Satubreira, s/nº, Porto Alegre, RS, CEP 91510-420, tel. (051) 315-6069
 Escola Professor Gilberto Jorge Gonçalves da Silva – R. Morro Alto, 433, Porto Alegre, RS, CEP 91751-650, tel. (051) 246-4603
 Maria Isabel Montelro Marques – R. João Ferrazini, 13, Santa Cruz do Rio Pardo, SP, CEP 18900-900, tel. (014) 372-2469, e-mail smarques@televidenet.com.br
 Ruth Rocha – Caixa Postal 41523, São Paulo, SP, CEP 05422-970
 Stézia Piconez – Av. da Universidade, 308, sala 130, Cidade Universitária, São Paulo, SP, CEP 05508-900, tel. (011) 818-3474, e-mail spiconez@usp.br
 Zélia Maria Mendes Blasoli Alves – FFGL USP, Departamento de Psicologia e Educação, Av. Bandeiraantes, 3900, Ribeirão Preto, SP, CEP 14040-901, tel. (016) 602-3730, e-mail zmbasoli@hotmail.com.br